



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

MILENA SASHA SANTOS BATISTA

**MATERNAR NA PANDEMIA**

Experiências de mulheres mães universitárias em tempos de Covid-19

**BRASÍLIA  
2021**

## **MATERNAR NA PANDEMIA**

Experiências de mulheres mães universitárias em tempos de Covid-19

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Giovana Acacia Tempesta

Banca examinadora:

---

Prof. Dra. Giovana Acacia Tempesta (PPGAS/UnB)

---

Prof. Dra. Ana Gretel Echazú Böschemeier(DAN/CCHLA/UFRN)

**Brasília, 2021.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe, avó e irmã por serem a melhor referência de família que eu poderia ter, fontes de força e inspiração. Agradeço por todas as lutas que elas tiveram e que me levaram a ser quem sou. Sou grata por todas as conversas e incentivos que ainda tenho com a minha mãe, que a todo me ensinou que nem o céu é o limite para ir em busca dos meus sonhos e por todo o incentivo para eu continuar em minha jornada acadêmica.

Agradeço ao meu amado filho Miguel, que sempre me dá forças para seguir na vida, por me mostrar que a felicidade se encontra nas coisas simples. Sou grata por ter me mostrado uma força e determinação que eu não sabia que tinha.

Sou grata por toda a minha rede de apoio que tive e que ainda tenho nos cuidados com o Miguel, a formatação da nossa família não poderia ser melhor. Sem essa rede, eu não estaria aqui. Ser mãe na adolescência não foi uma tarefa fácil, mas a minha rede de apoio, que contou com o pai, bisas, avós, tias e amigos, foi crucial para que eu continuasse estudando.

Um agradecimento em especial para a vovó Jaque, que é uma segunda mãe para o Miguel. Sou grata por abrir a sua casa e o seu coração para nós dois, por todas as vezes que ficou com o Miguel para que eu fosse para a escola e universidade. Sem você, toda a minha jornada até aqui não seria possível. Agradeço a Deus todos os dias pela sua vida, por quem você é e por ser uma das melhores avós que o Miguel poderia ter. E ao pai do Miguel, Thiago, por todas as lutas travadas juntos, incentivos e por toda a parceria na criação do nosso menino.

Ao meu companheiro Marcos, por todas as jornadas partilhadas, sem a sua ajuda a caminhada teria sido muito mais tortuosa, obrigada por tudo.

Não poderia deixar de agradecer às minhas amigas Bárbara e Gabi, por todas as conversas, almoços e encontros que tivemos ao longo da graduação. Vocês fizeram a minha jornada acadêmica ser mais leve e sou grata pela amizade de vocês.

Quero agradecer à minha orientadora Giovana por acreditar na proposta desse trabalho e por todas as conversas, indicações de leitura e por aceitar ser a minha orientadora em meio

ao caos pandêmico. E por toda a paciência e incentivo durante todo o processo de construção desta monografia.

Agradeço à professora Ana Gretel por aceitar ler e comentar esse trabalho.

E também a todos os meus professores do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília que tive ao longo da minha trajetória acadêmica.

Por todas as mulheres mães que fazem parte do grupo de whatsapp da UnB, por todos os desabafos, conselhos e escuta. Ser mãe não é fácil, mas ser mãe com mulheres mães ao seu redor faz tudo ser mais leve. E agradeço a todas as minhas interlocutoras, sem vocês essa pesquisa não seria possível.

Agradeço e defendo o ensino público, que me levou a lugares antes inimagináveis por mim e pela minha família. Defender uma educação pública e de qualidade é algo pelo que irei lutar constantemente ao longo da minha vida.

Sou imensamente grata a todas as mulheres que me rodeiam e por todas as que passaram pela a minha vida, com tantos ensinamentos e conselhos. E por todo o aprendizado que tive na Universidade de Brasília.

## RESUMO

A ideia para a pesquisa que deu origem à presente monografia partiu da minha experiência pessoal enquanto mãe e universitária, em conjunção com os desabafos de amigas mães universitárias em grupos de estudo e de uma rede de apoio de estudantes mães na Universidade de Brasília, bem no início de uma pandemia ainda em curso e de um longo período de isolamento social, medida de saúde pública que se mostrou necessária para conter o avanço da doença. O intuito do trabalho é trazer um pouco da realidade de mulheres mães universitárias ao longo da pandemia de Covid-19 e os seus efeitos, sejam eles físicos ou mentais. Pretendo compreender como essas mulheres atravessaram mais de um ano de pandemia, levando em conta todas as demandas da maternidade e outras, e como elas podem estar silenciando o acúmulo de trabalho doméstico e o adoecimento psíquico.

**Palavras-chave:** maternidade; universidade pública; pandemia de Covid-19; saúde mental.

## **ABSTRACT**

The idea for the research that gave rise to this monograph came from my personal experience as a mother and university student, in conjunction with the outbursts of university mother friends in study groups and a support network of student mothers at the University of Brasília, right in the beginning of a pandemic that is still in progress and of a long period of social isolation, a public health measure that is necessary to contain the spread of the disease. The aim of the work is to bring a little of the reality of university mothers throughout the Covid-19 pandemic and its effects, whether physical or mental. I intend to understand how these women went through more than a year of pandemic, taking into account all the demands of motherhood and others, and how they may be silencing the accumulation of housework and mental illness.

Keywords: motherhood; public university; Covid-19 pandemic; mental health.

## SUMÁRIO

### Dois relatos

Um dia como uma mãe universitária antes da pandemia.....7

Um dia como uma mãe universitária durante a pandemia.....8

**INTRODUÇÃO.....10**

Aspectos metodológicos e éticos da pesquisa .....14

**CAPÍTULO 1- Maternidade e saúde mental: os impactos da pandemia.....21**

Maternidade e Estado.....27

**CAPÍTULO 2 - Maternar e estudar durante a pandemia.....30**

Maranta.....32

Lavanda.....33

Cravina.....34

Rosa.....35

Girassol.....36

Rede de apoio.....37

Trabalho doméstico.....38

Maternagem e adoecimento.....42

**CAPÍTULO 3 - Maternidade e a privatização do cuidado .....46**

Parentalidade e pesquisa no Brasil.....51

*Tully* e *Tallulah*: a hiperindividualização da figura materna no cinema.....52

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....54**

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Roteiro (TCLE).....56

Anexo II - Roteiro de entrevistas.....58

Anexo III – Questionário no GoogleForms.....60

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....64**

## Um dia como uma mãe universitária

Um dia você acorda e precisa ir à universidade, mora em uma região periférica do Distrito Federal e para isso você tem que acordar às 5h30, ter organizado na véspera tudo o que precisa para o dia: coisas para o seu filho comer, brincar, se higienizar e ainda ter que atravessar a cidade: duas horas de condução para chegar na rodoviária, pegar a famosa linha 110 lotada e gastar mais uns 15 minutos. Chegando à universidade, você ainda tem que desbravar o campus para participar da primeira aula. Parece simples, mas fazer isso carregando um bebê no *sling*, bolsa para suprir as necessidades da criança e a mochila da faculdade é algo bastante complicado.

Dois horários de aula se passaram, a hora do almoço chegou e o Restaurante Universitário (RU) está lotado, bebê, mochila, bolsa, carrinho... Atravessar um mar de pessoas e ainda colocar a comida no prato: nunca foi tão desafiador almoçar. Mas falta algo, um restaurante universitário não tem estrutura para receber bebês com seus carrinhos ou crianças pequenas. Noto olhares estranhos, acadêmicos encaram crianças e bebês como invasores: “Aqui não é lugar para vocês” – é nítido em seus olhares. Almoça e leva tudo para o banheiro, espera aí... Universidade não é lugar de criança nem de bebês, não tem fraldário e com isso vamos de manobras espetaculares para trocar a fralda. Limpa tudo e corre para o período da tarde, mas os bebês são bebês e, em um momento de choro, preciso sair da sala, perco conteúdo, recebo olhares de julgamento: “Aqui não é o lugar de vocês”.

O meu filho está cansado e entediado, mas a universidade não tem espaço para acolher crianças, fica difícil encontrar um lugar de descanso: “Mãe, estou com fome”, hora do lanche e perco mais um pouco do segundo horário. “Mãe, quero ir ao banheiro”. Andar pelo campus pode ser desmotivador, a cada metro um julgamento: “O que essa criança faz aqui?” Parar e descansar, beber água e pedir paciência, falta pouco para ir pra casa.

Segundo horário da tarde e com apresentação de trabalho, o bebê chora/a criança fica inquieta, mas nessa sala os colegas e a professora acolhem: alguém pega a criança no colo e brinca com ela. Apresentação do trabalho concluída e um pouco de fé restaurada. Acabou o período e chega a hora de ir embora, UFA! Corre para a parada de ônibus, 110 lotado, rodoviária cheia e vários labirintos a percorrer até a condução.

Só mais três horas dentro de um transporte público lotado, hora do *rush*, engarrafamento, bolsa, bebê, mochila, carrinho para as aventureiras... Quase lá, quase lá.



Chegar em casa torna-se prazeroso, mas é o sinal de mais uma jornada que faz parte da rotina, banho na cria, fazer jantar, organizar as coisas para o dia seguinte e estudar um pouco. Você até suspira quando vai se deitar... Até se lembrar que é segunda e ainda vão ser mais quatro dias de muitos meses, quatro anos de muitos desafios para desbravar com uma criança na universidade. Vai valer a pena, eu repetia para mim mesma todos os dias, e como valeu.

### **Um dia como uma mãe universitária na pandemia**

Acordar para fazer o café da manhã e organizar o espaço de estudos para as aulas do dia, nunca pensei que ao longo da graduação teria aulas on-line nem que isso perdurasse por tanto tempo. Primeira aula às 10h, então acordo às 7h para fazer o café da manhã, limpar a casa e adiantar coisas para o almoço. Café feito e casa limpa, hora de passar um tempo com a cria. Horário de aula, internet lenta que me leva a perder a conexão. Aula finalizada, hora de terminar o almoço; coloco o prato do meu filho e depois coloco o meu e almoçamos juntos.

A tarde chega e com ela mais horários de aula e malabarismos entre aulas e o meu filho me chamando. Faço um lanche para ele, conversamos um pouco, volto para a aula... Estar cumprindo o isolamento social me faz ter a mesma rotina todos os dias, não que ela não fosse repetitiva antes disso, mas hoje não existe uma brecha muito grande para alterações. Lembro que no início fiquei feliz com o isolamento: “Terei mais tempo”, pensei comigo, mas só pude ter mais tempo para a culpabilização e o aumento de demandas da casa e do meu filho. Estudar em casa me pareceu um ato heróico, quase impossível com tantas interrupções e afazeres.

O tempo que antes eu gastava dentro do transporte público foi transformado no tempo que gasto para realizar as refeições do dia: café da manhã, almoço, lanche e jantar. Por outro lado, se transformou em um tempo de qualidade com o meu filho, que ao longo da rotina semanal eu não possuía, essa foi uma das coisas que me deixou muito feliz. Tive também mais tempo para me dedicar aos estudos, com um certo peso, mas tive. O isolamento social trouxe para a superfície diversas sensações e sentimentos aos quais antes eu não dava muita bola: crises de ansiedade, depressão e culpa me consumiam todos os dias.

No início foi fácil, mas, com o passar dos longos meses, aquela rotina que poderia parecer leve por economizar tempo em outros lugares como transporte, filas etc. se tornou massiva, estressante e muito desmotivadora. Todos os dias vejo mais mortes em decorrência da Covid-19 no noticiário. Café feito, casa limpa, um tempo com o meu filho, almoço, aulas da universidade e aulas da escola do meu filho, lanches, jantares e mais trabalho doméstico e

medo de contrair o vírus – ou de que algum familiar contraia – formam a minha experiência de mãe universitária em tempos de pandemia.

## INTRODUÇÃO

Em minha experiência enquanto mãe e universitária, foram pouquíssimas as vezes em que me senti acolhida para levar o meu filho Miguel à Universidade de Brasília. Sendo sincera, consigo me lembrar de estar com ele em alguns breves momentos nas aulas de antropologia da saúde. Fui mãe muito cedo e regularmente me senti invisibilizada por todos, apenas mais uma parte das estatísticas de mães na adolescência. A partir disso, após ingressar na universidade, pude ver mães com seus filhos em poucos momentos também, afinal a universidade não foi um espaço desenhado para receber crianças, independentemente da idade delas.

A universidade não é um local pensado para nós mães, tampouco para crianças. Desde a estrutura física e os espaços acadêmicos, até os olhares de desaprovação de muitos estudantes e professores. A maternidade, de certa forma, habitualmente traz um peso para nós universitárias. Seja em casa, no ambiente de trabalho ou na universidade, ser mãe não é algo que traga aprovação, mas sim algo que muitas vezes traz em voga um sentimento de medo e vergonha. No entanto, ainda na universidade é possível encontrar apoio vindo de outras mães que se sentem inseguras em relação à maternagem e à vida acadêmica.

No entanto, pensar a maternidade tem se tornado um importante objeto na área das ciências sociais e saúde, uma vez que é uma temática que vem crescendo e ocupando diversos espaços acadêmicos como simpósios, rodas de conversa, seminários, entre outros espaços de debate. Já existem diversos artigos, trabalhos de conclusão de curso e outras produções acadêmicas acerca da maternidade e temas relacionados, como puerpério<sup>1</sup>, saúde mental materna, depressão pós-parto e parentalidade.

A presente pesquisa busca compreender como funciona o contexto de mães universitárias durante uma pandemia (ainda em curso), agora em espaços acadêmicos on-line, e perguntar se existe acolhimento para elas, além de buscar refletir como a pandemia pode ter afetado as redes de apoio dessas mães, tanto aquelas que estão no puerpério como aquelas que são mães de crianças maiores, uma vez que ainda existe, em alguma medida, um pacto social de isolamento. O foco deste estudo são as vivências de mulheres mães universitárias, os desafios enfrentados e as saídas encontradas por elas.

---

<sup>1</sup> É importante compreender que o tempo do puerpério pode durar de zero a três anos de idade de uma criança, e que essas mulheres puérperas estão sujeitas a variações de humor e que muitas vezes não são compreendidas e/ou acolhidas.

No início do ano de 2020 surgiram no Brasil os primeiros casos de pessoas infectadas com o novo coronavírus (SARS-COV-2) e hoje, mais de um ano após a primeira infecção, já contamos com mais de 536 mil mortes ocasionadas pela Covid-19. Em meados de março daquele ano, foram decretados em todo o país *lockdowns* para prevenir a dispersão do vírus.

Já são 16 meses de pandemia e sabemos que os efeitos da crise sanitária têm sido mais pesados para pessoas, segmentos e coletividades em situação de vulnerabilidade social. A vivência do isolamento social prolongado reduziu ou inviabilizou o recurso a redes de apoio, possivelmente aumentando o risco de adoecimento mental para as mulheres em geral, e ainda mais para aquelas que são mães, estudam e trabalham, mesmo quando há um companheiro participativo. Saber como essas mulheres estão lidando com as múltiplas demandas que recaem sobre elas neste momento é muito importante para situar sociologicamente uma experiência de maternidade específica e, assim, contribuir para a ampliação da compreensão sobre a saúde mental das mulheres mães universitárias (Zanello, Fiuza e Costa, 2015).

Buscarei reconhecer as questões de saúde mental sempre partindo de um foco em que a articulação entre a classe social e a raça dessas mulheres torne evidente como esses dois fatores impactaram as diferentes realidades. Estou considerando que a pandemia pode ter agravado dificuldades anteriores, aumentado as demandas em relação ao trabalho doméstico e aos filhos, além da necessidade de se enquadrar no formato on-line de aulas, tanto as da universidade quanto as das escolas das crianças.

As mulheres muitas vezes estão sobrecarregadas de demandas, sejam elas domésticas, criação dos filhos, cuidado com o marido e com outras pessoas. Reconhecer que há essa generalização de que o cuidado com os filhos só parte do lado materno também é assimilar que a invisibilização das mães se faz presente em muitos lares brasileiros e que por vezes o cansaço das mulheres as torna mártires, apenas mais uma de muitas demandas que elas precisam muitas vezes atender sozinhas, mesmo com um companheiro presente nas rotinas e responsabilidades que um filho gera.

Compreender as conexões entre a opressão de gênero, a maternidade compulsória, as relações familiares, a culpabilização das mães e o trabalho do cuidado é fundamental para entender as diversas imagens, valores e expectativas que circulam em torno da maternidade e que derivam de uma certa organização das relações de poder. É fundamental considerar que, em momentos de crise como a atual, as exigências relativas ao trabalho do cuidado se tornam ainda mais intensas e sobrecarregam as mulheres de um modo extraordinário, com repercussões previsíveis sobre sua saúde física e mental e sobre seus projetos de vida.

A pensadora Silvia Federici (2017) elaborou uma análise da acumulação primitiva de um ponto de vista feminista e marxista crítico, na qual identifica o contexto histórico e político em meio ao qual o corpo passou a ser um elemento central, aquilo que viria a constituir o padrão moderno de feminilidade. Além disso, ela indica a maneira como o sistema capitalista enxerga o corpo feminino: “O corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação do trabalho. Nesse sentido, é bem merecida a importância que adquiriu o corpo, em todos os seus aspectos – maternidade, parto e sexualidade –, tanto na teoria feminista quanto na história das mulheres” (Federici, 2017, p. 34).

No que se refere à relação das mulheres com o trabalho doméstico, percebemos que essa associação vem de longa data e houve vários momentos em que essa relação foi se modificando. Por exemplo, no século XX, observou-se a contratação de empregadas domésticas pelas famílias das classes média e alta, fator que permitiu às mulheres pertencentes a essas classes se dedicarem aos estudos universitários e a empregos remunerados. No entanto, ao trazer o contexto da pandemia, essas mulheres que tentaram retirar as amarras das obrigações domésticas tiveram de reencontrar tais ‘habilidades femininas’ no lar. Mas, além das demandas de casa, há a família, os cuidados com as crianças e com o companheiro, em todas as esferas possíveis: acolhimento, brincadeiras, primeiros socorros, terapias e outras.

Logo, busco identificar se o trabalho doméstico se encontra presente no que diz respeito às interlocutoras ao longo desta pesquisa ou se um dos trabalhos mais exaustivos e não remunerados foi ocultado. Ao pensar na maternidade, me vêm à cabeça as palavras exaustão, solidão e invisibilidade.

Segundo o ISBP (Instituto Brasileiro de Segurança para o Paciente), os índices de depressão pós-parto podem aumentar em até 20% no primeiro ano de vida da criança. Em um estudo realizado por Arrais e Araújo (2018), os possíveis fatores de risco são situações ou momentos pré-estabelecidos que são propícios ao surgimento de problemas psicológicos, físicos e sociais que apresentam uma maior intensidade no período gravídico-puerperal. Ainda sobre os fatores de risco, ter um histórico de momentos depressivos anteriores à gravidez, a ausência de uma rede de apoio no período gestacional e pós-parto, períodos de estresse, insatisfação com a gravidez, idade, nível de escolaridade e renda, conflitos familiares são alguns indicativos agravantes que podem fazer com que a DPP (depressão pós-parto) se desenvolva.

Já os fatores de proteção surgem como o grupo de apoio como o pré-natal psicológico (PNP), uma rede de apoio familiar no período gestacional e pós-parto, alto grau de escolaridade. São vários fatores que podem levar à DPP, e o resultado de diversas interações que são fatores de risco fisiológicos/hormonais, sociais, psicológicos. Logo, o entendimento desses fatores associados a cuidados psicológicos e grupos de apoio como o PNP permite que possa existir uma triagem no cuidado de mulheres que possam apresentar indícios de DPP no período da gestação e do puerpério, visando sempre a um trabalho de prevenção do surgimento da DPP<sup>2</sup>.

Para Silva e Donelli (2016):

Supõe-se que ainda haja uma mistificação acerca da depressão materna em função da idealização sociocultural sobre a gravidez, a maternidade e o amor materno. [...] Nesse sentido, é preciso um processo de desnaturalização dessa condição, de desconstrução de significados e concepções para reconstrução de outros caminhos. (Silva & Donelli, 2016, pp.99)

Como aponta a pensadora Silvia Federici, na sociedade capitalista o trabalho doméstico está imposto para as mulheres de uma maneira que, por muitas gerações, a mulher só encontrará o seu verdadeiro caminho e plenitude ao exercer a função de esposa e mãe que cuida do marido e dos filhos; no entanto, considerar que essas mulheres estão sendo sobrecarregadas e postas em segundo plano é essencial para perceber o motivo de muitas estarem fugindo desse destino desde o século passado, ressaltando que essas mulheres em sua maioria são as mulheres brancas da elite que não correspondem ao conjunto de todas as mulheres.

Compreender os efeitos que a pandemia pode trazer para essas mulheres mães que antes já estavam com muitas demandas e no pós-pandemia se encontrarão totalmente abarrotadas de funções é crucial para o entendimento de que mulheres mães, sobretudo aquelas que ainda estão em fase de estudos na universidade, por muitas vezes estão esgotadas física e psicologicamente. Além disso, entender como a universidade acolhe suas estudantes

---

<sup>2</sup> Se em momentos de vulnerabilidade muitas já não se sentem acolhidas, como funciona o processo da maternidade em relação às demandas domésticas e ao resto de sua vida pessoal? Por mais “parceiros” e presentes que os progenitores sejam, a carga ainda vai para o lado materno. Seja por demandas socialmente impostas de uma criança ou por demandas pré-estabelecidas pela sociedade, a mulher costuma ser vista como uma pessoa sobre-humana que suporta tudo e qualquer carga de trabalho, física e emocional.

mães é também conhecer como funciona o ambiente universitário com relação a outras demandas que não as exclusivamente acadêmicas, mas que têm conexão com elas.

A pandemia de Covid-19 faz com que muitas de nós estejamos não apenas sobrecarregadas enquanto mães e universitárias, mas enquanto cuidadoras também. Muitas assumiram funções que antes não tinham, como cuidar dos avós e outros parentes devido às perdas que ocorreram na família por incidência do vírus. Pretendo averiguar como pode haver ramificações desses cuidados e como as redes de apoio se reinventaram no decorrer da pandemia, como tem funcionado a dinâmica familiar e as novas demandas que surgem com isso.

Pelo fato de eu ter sido mãe de forma precoce, nunca pensei que alcançaria lugares como esses nos quais me encontro hoje, não sem a rede de apoio que tenho desde o nascimento do meu filho. Estudar a maternidade na universidade em um contexto pandêmico também faz parte da minha experiência pessoal enquanto mãe universitária no último ciclo da graduação. Uma das coisas que me deixou agraciada com essa pesquisa foi dialogar com essas mães acadêmicas e pesquisadoras, que se sentiram representadas com a pesquisa e ressaltaram a sua importância.

Importa reconhecer que os marcadores de gênero, raça e classe<sup>3</sup> se entrecruzam e são cruciais para a diferenciação das realidades de cada mulher e que, ao mesmo tempo, conseguimos nos identificar com as várias demandas que ser mãe universitária nos traz. Os impactos que a pandemia trouxe para a vida dessas mulheres já se mostram agora, mesmo a curto prazo. Buscar captar como poderão funcionar esses impactos a longo prazo é crucial para contribuir com a preservação ou restabelecimento da saúde e do bem-estar dessas mulheres.

### **Aspectos metodológicos e éticos da pesquisa**

A metodologia utilizada nesta pesquisa combina a minha participação em um grupo virtual de mães universitárias e em rodas virtuais de conversa e simpósios virtuais com o tema maternidade, como ouvinte; entrevistas semi-estruturadas realizadas com cinco mães universitárias; formulário on-line respondido por cinco mulheres; revisão bibliográfica (percorrendo trabalhos das áreas de antropologia da saúde, estudos feministas e psicologia);

---

<sup>3</sup> O marcador de geração também é importante para essa discussão.

análise de matérias jornalísticas; dois filmes (*Tully* e *Tallulah*); dois episódios do podcast *Antropológicas*, realizado por estudantes e professores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): no episódio 13 a professora e pesquisadora Elaine Müller, que é mãe de três, falou sobre o tema da maternidade em tempos de pandemia; no episódio 34, o doutorando Igor Holanda e seu orientador, professor Alex Vailati, falaram sobre o sofrimento e adoecimento entre jovens graduandas dessa universidade.

Tomei notas em diário de campo desde o início da pesquisa. As entrevistadas leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes das conversas. Todas as entrevistas foram transcritas e alguns trechos se encontram ao longo do texto. O TCLE e o roteiro para a realização das entrevistas se encontram nos anexos I e II.

As cinco mulheres que participaram dessas conversas foram selecionadas por meio do grupo de Whatsapp Mães UnB, coletivo que surgiu em 2016 com o intuito de ser uma rede colaborativa de apoio e de diálogos sobre maternidade e universidade entre mães estudantes da Universidade de Brasília e hoje conta com 72 participantes de diversas áreas do ensino, e foram as que toparam participar da pesquisa; ao longo desse momento de seleção, surgiram outras mulheres que gostaria de entrevistar, mas que, por diversos motivos, escolheram não participar ou apenas deixaram de responder. A maioria dessas entrevistas foram realizadas à noite ao longo da semana e nos finais de semana pela manhã. Foi simples marcar as primeiras entrevistas, devido à disponibilidade das interlocutoras e à minha própria, mas em seguida voltei a trabalhar presencialmente e tudo ficou mais complicado.

As últimas entrevistas precisaram ser adiadas algumas vezes e acabamos marcando nos finais de semana, quando eu e as interlocutoras tínhamos algum tempo livre. Problemas de conexão de internet e ausência de um bom equipamento também dificultaram o processo de entrevistas no formato on-line.

As informações principais sobre as mulheres entrevistadas, que estão em diferentes fases da graduação e pós-graduação na UnB, se encontram no quadro a seguir:

<b>Entrevistada (pseudônimo)</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Quantidade de filhos e idades</b>	<b>Data da entrevista (videoconferência)</b>	<b>Duração</b>
Rosa	Estudante	1 filho de três anos	21/02/202	40 minutos



			1	
Cravina	Estudante, fotógrafa e artista plástica	2 filhas, uma de quatro anos e outra de dez meses	20/02/2021	45 minutos
Lavanda	Funcionária pública e estudante	2 filhas, uma de seis e outra de dois anos, grávida da terceira filha	18/11/2020	34 minutos
Girassol	Assistente Social	1 filha de dois anos	23/02/2021	28 minutos
Maranta	Estudante	1 filha de dez meses	15/10/2020	42 minutos

Elaborei um formulário para as mães que não possuíam disponibilidade para uma entrevista no formato on-line, que ficou aberto por duas semanas na plataforma da Google Formulários. As respostas obtidas foram sistematizadas e comparadas com as entrevistas, de modo a identificar relações positivas e negativas no que se diz respeito à maternidade e a singularidade de cada experiência de maternidade.

Além das entrevistas, utilizei um conjunto de reportagens diversificadas sobre maternidade durante a pandemia. Vale ressaltar que esta coleta não foi realizada de forma exaustiva e sistemática, mas sim de uma maneira orgânica com o intuito de trazer um leque amplo de aspectos relativos aos efeitos da pandemia sobre as experiências de maternidade.

O primeiro quadro é composto por matérias de blogs e relatos pessoais de pessoas e o segundo de veículos de comunicação.

nº	Título da matéria	Data da publicação	Veículo de Publicação	Palavras-chave	Link de Acesso
----	-------------------	--------------------	-----------------------	----------------	----------------

1	<b>A Interseccionalidade e as novas lutas globais</b>	10/03/2021	Outras palavras jornalismo de profundidade e pós-capitalismo	Interseccionalidade Desigualdade social	<a href="https://outraspalavras.net/fe-minismos/interseccionalidade-e-as-novas-lutas-globais/?fbclid=IwAR3WbEppgmSreg3E04FLlCb5wff8stSB1RK EYZ54vFg5FvI3t7EGmg4_X1A">https://outraspalavras.net/fe-minismos/interseccionalidade-e-as-novas-lutas-globais/?fbclid=IwAR3WbEppgmSreg3E04FLlCb5wff8stSB1RK EYZ54vFg5FvI3t7EGmg4_X1A</a>
2	<b>Depressão, ansiedade, doenças autoimunes: quanto disso é doença ocupacional da maternidade?</b>	11/08/2021	Cientista que virou mãe	adoecimento invisibilidade materna	<a href="https://cientistaqueviroumae.com.br/depressao-ansiedade-e-doencas-ocupacionais-maternidade/?fbclid=IwAR1cy_oq1t32apkYeWLKdj2MO2o_yvYnu2z25jOTOPfOmUTXbl6dHZaY2xBU">https://cientistaqueviroumae.com.br/depressao-ansiedade-e-doencas-ocupacionais-maternidade/?fbclid=IwAR1cy_oq1t32apkYeWLKdj2MO2o_yvYnu2z25jOTOPfOmUTXbl6dHZaY2xBU</a>
3	<b>Um retrato das mães solo na pandemia</b>	18/06/2020	Gênero Número	Mães Solo Pandemia	<a href="http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/?fbclid=IwAR1ADLK-YjdmFyM9_qlu7IovaUvi-pwYVAXpxrtjXM58iwPt8uJL4G-KNmw">http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/?fbclid=IwAR1ADLK-YjdmFyM9_qlu7IovaUvi-pwYVAXpxrtjXM58iwPt8uJL4G-KNmw</a>
4	<b>Sindicato das Mães e Cuidadoras: porque cuidar é trabalho</b>	10/05/2021	Lunetas	Cuidado; Trabalho;	<a href="https://lunetas.com.br/sindicato-das-maes-e-cuidadoras/?fbclid=IwAR3Pt_0Wi9RPO1munj4jAOQsMeWWJ4ctSyt9Xr_3GSg7h9u4DVdhlh-HZbE">https://lunetas.com.br/sindicato-das-maes-e-cuidadoras/?fbclid=IwAR3Pt_0Wi9RPO1munj4jAOQsMeWWJ4ctSyt9Xr_3GSg7h9u4DVdhlh-HZbE</a>
5	<b>Rede de apoio: cuidar de uma criança não é só tarefa dos pais</b>	31/03/2021	Lunetas	Rede de apoio	<a href="https://lunetas.com.br/e-preciso-uma-vila/?fbclid=IwAR03swXEG9e9mKkG1XDPhJ30I8CkULM--6fJl7eynZqA5zFXEY-JXsL9VX0">https://lunetas.com.br/e-preciso-uma-vila/?fbclid=IwAR03swXEG9e9mKkG1XDPhJ30I8CkULM--6fJl7eynZqA5zFXEY-JXsL9VX0</a>

nº	Título da matéria	Data da publicação	Veículo de Publicação	Palavras-chave	Link de Acesso
1	<b>Exaustão dos filhos e das mães após um ano de “vai passar”</b>	20/03/2021	Revista Claudia	Pandemia Exaustão	<a href="https://claudia.abril.com.br/blog/cronicas-de-mae/exaustao-dos-filhos-e-das-maes-apos-um-ano-de-vai-passar/?fbclid=IwAR34bNnVphgOHXzizLrpfIXM6uUs5SBNYsuYsxsIU3ZkK8ekVnGVM7DR30w">https://claudia.abril.com.br/blog/cronicas-de-mae/exaustao-dos-filhos-e-das-maes-apos-um-ano-de-vai-passar/?fbclid=IwAR34bNnVphgOHXzizLrpfIXM6uUs5SBNYsuYsxsIU3ZkK8ekVnGVM7DR30w</a>

2	Os estragos invisíveis da pandemia para as mães solo	18/03/2021	El País	Mães solo Jornadas múltiplas	<a href="https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-17/os-estragos-invisiveis-da-pandemia-para-as-maes-solo.html?fbclid=IwAR2-oCWObJ2a0PYO0t2vHV5_9CIXra3APi1NHTqIv4mR_Gtg3mSVInDH8c">https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-17/os-estragos-invisiveis-da-pandemia-para-as-maes-solo.html?fbclid=IwAR2-oCWObJ2a0PYO0t2vHV5_9CIXra3APi1NHTqIv4mR_Gtg3mSVInDH8c</a>
3	Gestando a dor: o sofrimento materno no contexto da Pandemia da Covid-19	Fevereiro, 2021	Cidade-pandemia	Gestação Covid-19	<a href="http://cidade-pandemia.com.br/2021/02/23/gestando-a-dor-o-sofrimento-materno-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19/?fbclid=IwAR3x6nfEuPsB2ua3pCjo2Chd0J91auK29OLAS2U5PpuxON3q2GeZF8jGXC4">http://cidade-pandemia.com.br/2021/02/23/gestando-a-dor-o-sofrimento-materno-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19/?fbclid=IwAR3x6nfEuPsB2ua3pCjo2Chd0J91auK29OLAS2U5PpuxON3q2GeZF8jGXC4</a>
4	Pandemia traz novos desafios às mulheres, que já cumpriam jornadas múltiplas	05/03/2021	O Diário de Mogi	Jornadas múltiplas das mulheres Pandemia	<a href="https://www.odiariodemogi.net.br/noticias/pandemia-traz-novos-desafios-%C3%A0s-mulheres-que-ja-cumpriam-jornadas-m%C3%BAltiplas-1.10772?fbclid=IwAR10tQ7hCLRxfIM8wCBM7oY1_3B7PC2vh-elJvAkrj3zdZwJSHpWsl5WU">https://www.odiariodemogi.net.br/noticias/pandemia-traz-novos-desafios-%C3%A0s-mulheres-que-ja-cumpriam-jornadas-m%C3%BAltiplas-1.10772?fbclid=IwAR10tQ7hCLRxfIM8wCBM7oY1_3B7PC2vh-elJvAkrj3zdZwJSHpWsl5WU</a>
5	La ideología de “maternidad intensiva” atraviesa a las madres, también a las feministas	02/03/2021	El Salto Diario	Feminismo	<a href="https://www.elsaltdiario.com/maternidad/ideologia-maternidad-intensiva-estudio-universidad-pompeu-fabra?fbclid=IwAR2BcP7Pp1THmjqlctJiTKhWnd6SotO4i9qwEqWkU6qgXBS6gyBIOBlrkS8">https://www.elsaltdiario.com/maternidad/ideologia-maternidad-intensiva-estudio-universidad-pompeu-fabra?fbclid=IwAR2BcP7Pp1THmjqlctJiTKhWnd6SotO4i9qwEqWkU6qgXBS6gyBIOBlrkS8</a>
6	Laboratorio de experimentación creativa: “Maternar en cuarentena”	17/04/2020	Karnekunst	Quarentena	<a href="https://www.karnekunst.com/laboratorio-de-experimentacion-creativa-maternar-en-cuarentena/?fbclid=IwAR3N8NtIkXGUt--w8mFZ7MfJKUvW5j4XmE7VF7IX3pzBBNdbIv9O4SwuGY">https://www.karnekunst.com/laboratorio-de-experimentacion-creativa-maternar-en-cuarentena/?fbclid=IwAR3N8NtIkXGUt--w8mFZ7MfJKUvW5j4XmE7VF7IX3pzBBNdbIv9O4SwuGY</a>
7	Rede de apoio em tempos de pandemia	16/07/2020	Revista Crescer	Pandemia Rede de apoio	<a href="https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Pos-parto/noticia/2020/07/rede-de-apoio-em-tempos-de-pandemia.html?fbclid=IwAR03yqoOyPgYWSbGiBTj0AZbfq_ZGdIER_reNxWkMRloCflXzvt26JWZuY">https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Pos-parto/noticia/2020/07/rede-de-apoio-em-tempos-de-pandemia.html?fbclid=IwAR03yqoOyPgYWSbGiBTj0AZbfq_ZGdIER_reNxWkMRloCflXzvt26JWZuY</a>
8	Como a realidade da pandemia pressiona as mães solo	21/07/2020	Nexo	Pandemia Mães solo	<a href="https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/07/21/Como-a-realidade-da-">https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/07/21/Como-a-realidade-da-</a>

					<a href="https://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/postnatal-depression-pregnancy-mothers-lockdown-study-anxiety-stress-maternal-a9577186.html?fbclid=IwAR31PizkdA4wfp2b1LM7A40li4Ib3STNAPEOUioMXRrPHl-xrgbrp_O7vg">pandemia-pressiona-as-m%C3%A3es-solo?fbclid=IwAR03swXEG9c9mKkG1XDPHJ30I8CkULM--6fJi7evnZqA5zFXEY-JXsL9VX0</a>
9	<b>Postnatal depression has almost tripled during coronavirus pandemic study finds</b>	21/06/2020	Independent	Pós-parto Pandemia	<a href="https://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/postnatal-depression-pregnancy-mothers-lockdown-study-anxiety-stress-maternal-a9577186.html?fbclid=IwAR31PizkdA4wfp2b1LM7A40li4Ib3STNAPEOUioMXRrPHl-xrgbrp_O7vg">https://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/postnatal-depression-pregnancy-mothers-lockdown-study-anxiety-stress-maternal-a9577186.html?fbclid=IwAR31PizkdA4wfp2b1LM7A40li4Ib3STNAPEOUioMXRrPHl-xrgbrp_O7vg</a>
10	<b>A saúde mental das mães nos primeiros 90 dias de vida do bebê</b>	29/06/2020	Revista Crescer	Saúde mental; puerpério	<a href="https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Pos-parto/noticia/2020/06/saude-mental-das-maes-nos-primeiros-90-dias-de-vida-do-bebe.html?fbclid=IwAR1etCz87ztx6froZ1K2jVaSi9yCIsQIkTRTbuM7ia8RdaC8Eg3KpySWcr8">https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Pos-parto/noticia/2020/06/saude-mental-das-maes-nos-primeiros-90-dias-de-vida-do-bebe.html?fbclid=IwAR1etCz87ztx6froZ1K2jVaSi9yCIsQIkTRTbuM7ia8RdaC8Eg3KpySWcr8</a>
11	<b>80% das mães brasileiras se sentem cansadas com a vida doméstica na pandemia. Entre pais, índice é 48%</b>	11/05/2021	El País	Vida doméstica; Pandemia; cansaço	<a href="https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-11/80-das-maes-brasileiras-se-sentem-cansadas-com-as-responsabilidades-domesticas-na-pandemia-entre-pais-indice-e-48.html">https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-11/80-das-maes-brasileiras-se-sentem-cansadas-com-as-responsabilidades-domesticas-na-pandemia-entre-pais-indice-e-48.html</a>
12	<b>Filhos separados e famílias desestruturadas: o impacto das mortes maternas por covid.</b>	14/07/2021	Sul 21	Sofrimento Mortalidade materna	<a href="https://sul21.com.br/saude/coronavirus/2021/07/filhos-separados-e-familias-desestruturadas-o-impacto-das-mortes-maternas-por-covid/">https://sul21.com.br/saude/coronavirus/2021/07/filhos-separados-e-familias-desestruturadas-o-impacto-das-mortes-maternas-por-covid/</a>
13	<b>Mães chegam a receber 40% menos do que colegas sem filhos.</b>	11/12/2018	R7	Desigualdade Mercado de trabalho	<a href="https://noticias.r7.com/economia/maes-chegam-a-receber-ate-40-menos-do-que-colegas-sem-filhos-11122018">https://noticias.r7.com/economia/maes-chegam-a-receber-ate-40-menos-do-que-colegas-sem-filhos-11122018</a>
14	<b>Mães relatam regressões e dificuldades de aprendizado dos filhos durante a pandemia.</b>	16/07/2021	Revista Crescer	Ensino remoto Dificuldade de aprendizagem	<a href="https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2021/07/maes-relatam-regressoes-e-dificuldades-de-aprendizado-dos-filhos-durante-pandemia-senti-que-minha-filha-nao-conseguia-absorver.html">https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2021/07/maes-relatam-regressoes-e-dificuldades-de-aprendizado-dos-filhos-durante-pandemia-senti-que-minha-filha-nao-conseguia-absorver.html</a>

15	Por renda, 13% das crianças brasileiras deixaram de comer na pandemia	30/06/2021	Revista Galileu	fome efeitos da pandemia na alimentação das crianças	<a href="https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/06/por-renda-13-das-criancas-brasileiras-deixaram-de-comer-na-pandemia.html">https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/06/por-renda-13-das-criancas-brasileiras-deixaram-de-comer-na-pandemia.html</a>
----	---	------------	-----------------	--	---

De um modo geral, realizar essa pesquisa no formato on-line trouxe diversos desafios, como a qualidade da conexão da internet da interlocutora e da minha; conseguir obter um silêncio mínimo em casa, uma vez que na primeira fase eu ainda estava morando em uma república com amigos; senti muita falta dos encontros com as minhas amigas de graduação para compartilhar e trocar experiências. No entanto, ganhei muitas horas ao longo do meu dia para me dedicar aos estudos, já não era necessário gastar quatro horas no transporte público para ir e voltar da faculdade nem o tempo na fila do restaurante universitário. E essas horas adicionais se transformaram em tempo de preparo de refeições em casa e também de limpeza e organização do meu lar.

Fez muita falta a estrutura da biblioteca da universidade, estudar em casa com muitas pessoas foi um desafio e realizar as entrevistas também, visto que contei com diversos problemas técnicos de áudio e falta de equipamentos adequados. Mas estar em casa permitiu realizações que talvez presencialmente na universidade eu não teria a mesma oportunidade, diversos congressos, seminários, grupo de estudos, webinários e cursos sobre diversos temas. Muito conhecimento a um clique de distância, independentemente de o evento ser nacional ou internacional.

## **CAPÍTULO 1 - Maternidade e saúde mental: os impactos da pandemia.**

No decorrer da pandemia que ainda está em curso no Brasil, debater o tema da saúde mental é crucial para compreender quais estão sendo os impactos da crise sanitária nos lares brasileiros. Trazer raça e classe para esse debate também é essencial, uma vez que pessoas negras e de classes desfavorecidas se encontram em uma situação de vulnerabilidade muito maior do que as pessoas das classes média e alta e brancas.

As pesquisadoras L. Mattar & S. Diniz (2021) mostraram como as desigualdades de gênero, raça e classe se entrelaçam para configurar as hierarquias reprodutivas vigentes no Brasil, resultando em experiências de gestação, parto e pós-parto mais negativas para mulheres negras e pobres. No presente estudo avançamos a hipótese de que tais hierarquias perpassam igualmente as experiências de maternagem<sup>4</sup>, desdobrando-se em desafios singulares para mulheres que engravidam e têm filhos durante a graduação e a pós-graduação, desafios que são amplificados em meio a uma crise sanitária, política e econômica.

O artigo *O aborto e uma história de vida*, escrito pelas pesquisadoras S. Guimarães, D. Almeida e R. Carneiro (2018), serviu de inspiração para identificarmos algumas conexões entre minhas percepções pessoais enquanto mulher mãe universitária e trabalhadora, os relatos das interlocutoras, o material audiovisual considerado, os índices relativos à saúde mental das mulheres no Brasil e os eventos relacionados à pandemia e Covid-19.

Desde o início do isolamento social no Brasil, muitas pessoas se fecharam em suas casas, aderindo ao trabalho remoto e às aulas no formato on-line, mas muitas outras nunca puderam aderir a esse isolamento social para não correr o risco de perder seus empregos. Por outro lado, os índices de morte no Brasil em decorrência da Covid-19 constantemente se mantiveram em patamares altos, atingindo em junho de 2021 a marca de mais de 500 mil mortes.

Por isso, é relevante ouvir quais estão sendo os impactos de um ano pandêmico que já está se encaminhando para um segundo ano consecutivo de insegurança, isolamento social, sobrecarga de demandas para mulheres mães, principalmente para aquelas que ainda são universitárias, seja de graduação ou de pós-graduação.

Trago, então, alguns títulos de reportagens que foram coletadas nesse último ano e que mostram como muitas mulheres mães se viram em um beco sem saída com o aumento

---

<sup>4</sup> Segundo Echazú et al. (2019, pp.3), “cabe ressaltar uma breve diferenciação das atividades de cuidar e de maternar, sendo a esta última mais direcionada ao cuidado com os filhos, enquanto que a primeira é mais abrangente às outras formas de cuidado.”

cumulativo das demandas da maternidade, do lar e da universidade: “Pandemia traz novos desafios às mulheres, que já cumpriam jornadas múltiplas”; “The invisible work of a stay at home mom (Motherly, 2017, [https://www.mother.ly/shop/work/the-invisible-work-of-a-stay-at-home-mom\\_](https://www.mother.ly/shop/work/the-invisible-work-of-a-stay-at-home-mom_))”; “Como a realidade da pandemia pressiona as mães solo<sup>5</sup>, (Nexo Jornal, 2020, <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/07/21/Como-a-realidade-da-pandemia-pressiona-as-m%C3%A3es-solo>”; “Um retrato das mães solo na pandemia. Esses títulos chamaram a atenção por ter um foco na saúde mental das mulheres mães e por apontar a sobrecarga dessas mulheres, que muitas vezes é invisibilizada. Ainda, vale enfatizar que a maternidade solo aqui é relacionada às situações variadas em que a mulher mãe não recebe nenhum apoio para a criação do filho, seja esse apoio financeiro, prático ou afetivo.

Analisar como tem sido a realidade dessas mulheres, sobretudo aquelas que ainda permanecem em isolamento social com os seus filhos, com suas demandas acadêmicas e de trabalho e com a junção das demandas das aulas em formato on-line de seus filhos, mais o trabalho doméstico, que muitas vezes passa despercebido enquanto uma forma de trabalho, é importante para perceber a multiplicidade de impactos para a saúde física e mental dessas mulheres a longo prazo.

A cientista política Flávia Biroli mostra que as mulheres foram historicamente posicionadas no lugar de cuidadoras e que há uma expectativa desde a infância de que elas assumam esse papel. A responsabilidade pelo cuidado não é atribuída da mesma forma a outros membros da família e o Estado não provê serviços básicos de apoio, como vagas em creches em número suficiente; além disso, há disparidades no mercado de trabalho decorrentes do fato de que as mulheres podem engravidar: “Dados os arranjos correntes, as chances de alcançarem algum tipo de independência financeira são reduzidas por sua posição de responsáveis pelo trabalho doméstico e pelos cuidados cotidianos despendidos com quem está na posição de dependente incontornável, como crianças, pessoas com necessidades especiais e idosos” (Biroli, 2018, p. 84).

Além disso, no contexto da pandemia, a questão da vacinação de mulheres grávidas e puérperas foi tema de controvérsia; houve várias idas e vindas de notas técnicas do Ministério da Saúde e das secretarias estaduais que garantiam ou retiravam o direito de vacinação prioritária e traziam consigo o questionamento se era seguro ou não vacinar esse

---

<sup>5</sup> Mães que são responsáveis pela criação e cuidado com seus filhos, sem a presença de uma figura paterna. Em uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os índices de lares brasileiros chefiados por mulheres saltou de 25% em 1995 para 45% em 2018.

grupo. Muitas conseguiram se vacinar e tantas outras ficaram de fora; um dos fatores que causou muita frustração pela tão sonhada vacina foi a exclusão das mulheres lactantes num primeiro momento.

Vacinar mães, sejam elas gestantes, puérperas e lactantes, é crucial para que essas mulheres permaneçam vivas em meio ao caos pandêmico. Assegurar a imunização de gestantes, lactantes e puérperas é zelar por suas vidas, pela vida de seus filhos e pelo futuro.

Pensar em saúde mental e no que essas mulheres estão fazendo para lidar com todas as suas múltiplas demandas, com a insegurança e com os desafios práticos do isolamento social é pensar em quais estão sendo as alternativas para criar seus filhos em uma situação em que a socialização foi limitada e reestruturada. No caso das mulheres mães que estão cursando uma graduação ou pós-graduação, é necessário refletir sobre como está funcionando o ambiente universitário no formato virtual, se tem sido um espaço acolhedor para mães que cuidam em suas diversas realidades, e como a relação entre universidade, maternidade e pandemia pode afetar a trajetória acadêmica, considerando as rotinas de estudos, aulas, pesquisa e interação com colegas e a saúde mental dessas mulheres.

Ligia M. Sena que fez o site Cientista que virou mãe<sup>6</sup> e que faz um texto em que emite sua opinião pessoal acerca da maternidade, ela traz uma associação existente entre maternidade e doenças autoimunes. Que assim como em outros empregos, a maternidade pode acarretar em um adoecimento quando exercida com muitas demandas e sem nenhum apoio, no entanto, isso não é debatido porque para muitas pessoas a maternidade não é um trabalho. Nos levou a refletir quantas mulheres foram levadas ao adoecimento físico e emocional no decorrer da pandemia e não se deram conta ou se deram e não possuem uma rede de apoio para contar com a divisão das demandas da maternidade e casa.

De acordo com a pesquisadora A. Assumpção (2014), os índices de mulheres presentes no ensino superior brasileiro estão crescendo exponencialmente, porém continuam sendo influenciados pelos marcadores de raça e classe, fazendo com que a equidade esteja longe de ser alcançada. Proponho, então, refletir sobre as articulações entre os marcadores sociais de gênero, raça e classe e as relações de cuidado, de um lado, e a inserção dessas mulheres na vida acadêmica, de outro. Para Silva & Guedes (2020), a emancipação das mulheres brasileiras só se dará a partir de uma superação do modelo capitalista, das

---

6

[https://cientistaqueviroumae.com.br/depressao-ansiedade-doencas-ocupacionais-maternidade/?fbclid=IwAR1cy\\_oq1t32apkYeWlKdj2MO2oyvYnu2z25jOTOPfOmUTXbI6dHZaY2xBU](https://cientistaqueviroumae.com.br/depressao-ansiedade-doencas-ocupacionais-maternidade/?fbclid=IwAR1cy_oq1t32apkYeWlKdj2MO2oyvYnu2z25jOTOPfOmUTXbI6dHZaY2xBU) acessado em 13/08/2021



opressões de gênero, raça e classe e do ideário da dominação do capital no que se diz respeito ao trabalho do cuidado doméstico.

Segundo as pesquisadoras A. G. Echazú et al. (2020):

O exercício de cuidar compreende ações e sentimentos necessários para que assim se configure e está além do mero ato de “trabalhar” literalmente falando. Há a ideia de responsabilização que traz o sentimento de dever para com o outro que irá receber aquele cuidado, ao mesmo tempo em que se reconhece a necessidade de auxílio da outra pessoa. Ocorre que esse trabalho invisibilizado é construído socialmente e, geralmente, ele é mais frequentemente (e historicamente) exercido por mulheres. (Echazú et al., 2020, pp. 04)

Como a pandemia tem afetado esse trabalho de cuidado exercido majoritariamente por mulheres, em especial as mulheres mães universitárias? Buscarei refletir sobre as relações de cuidado que vêm sendo exercidas ao longo da pandemia e quais tipos de apoio essas mulheres estão recebendo e, se não estão recebendo, como elas estão lidando com a solidão da maternagem em meio à pandemia e às múltiplas jornadas de trabalho, considerando também a experiência da maternidade solo. No que diz respeito às mães que possuem companheiros, como tem sido a divisão das demandas do trabalho doméstico e da criação de seus filhos e as demandas que surgem em uma pandemia como a socialização, educação e as necessidades para o desenvolvimento global saudável de uma criança?

Pretendo buscar entender se há uma divisão igualitária entre essas mães e seus companheiros em meio a todas as demandas, indagando se mesmo as mulheres que possuem companheiros e uma rede de apoio presentes também se encontram sobrecarregadas com tarefas que poderiam ser facilmente divididas com outras pessoas, não fosse pelo mandato social segundo o qual a mãe tem o “dever” de cuidar do seu lar e de seus filhos. Pergunto como o sofrimento mental pode afetar a rotina dessas mulheres e quais alternativas elas estão usando para aliviar a sobrecarga física e mental no cotidiano, considerando que o isolamento pode favorecer ou agravar o adoecimento mental.

Pondero que a pandemia pode agravar o adoecimento mental dessas mulheres e aumentar as desigualdades sociais, uma vez que os índices de desemprego também cresceram nos últimos 16 meses, inclusive vêm ocorrendo diversos aumentos nos preços de produtos

alimentícios, gás de cozinha, conta de energia elétrica<sup>7</sup> e gasolina<sup>8</sup>. Fazer uma comparação entre as mulheres que estão em situação de desemprego e aquelas que ainda conseguiram se manter empregadas pode ajudar a entender as conexões entre aspectos socioeconômicos e a saúde mental das mulheres.

Observar e analisar as experiências vividas no cotidiano dessas mães no decorrer da pandemia ajuda a compreender como a crise tem mudado suas vidas cotidianas e como essas mudanças podem afetar suas vidas a longo prazo, considerando o aumento das demandas do trabalho doméstico, carga acadêmica, ensinar e estar acompanhando as aulas no formato on-line de seus filhos e também com o *home office*. Acredito que realizar todas essas atividades em casa, simultaneamente, pode levar essas mulheres a um colapso físico e mental.

Mesmo com as conquistas alcançadas pelo feminismo, as visões patriarcais enraizadas na sociedade levam muitos a crer que a obrigação de uma mulher ao tornar-se mãe é assumir todas as tarefas ligadas à criação daquela criança. Muitas pesquisadoras enfatizam que as relações desiguais existentes quando falamos sobre os elos de cuidado, trabalho doméstico e dedicação exclusiva são estruturais e sistêmicas, levando mulheres e homens a seguir papéis pré-estabelecidos pela sociedade (Biroli, 2018; Federici, 2019; Scavone, 2001; Stevens, 2007).

Nesse sentido, o dispositivo amoroso se combina ao dispositivo materno (ZANELLO, 2018) para reafirmar que a mulher é sinônimo natural de reprodução, afeto e cuidado, ou seja, espera-se de uma mulher que seja mãe, esposa e cuidadora do lar. Esses dispositivos afetam de forma negativa a vida das mulheres e as levam a adoecimentos mentais. Assim, as mulheres que decidiram seguir seus sonhos e tomaram um caminho diferente em suas vidas são vistas com “maus olhos”; muitas acabam desistindo de seus projetos e se resignam àqueles papéis, com consequências mais ou menos prejudiciais para sua subjetividade.

De acordo com a perspectiva de gênero, percebemos que o cuidado dispensado pelos pais a seus filhos é visto de forma diferente do cuidado dispensado pelas mães quando o pai realiza tarefas simples de cuidado; eles costumam ser sobrevalorizados, tratados como “pais do ano”; porém a mãe não recebe qualquer crédito por assumir a maioria das tarefas de

---

7

<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/06/4934357-conta-de-luz-vai-subir-aneel-aprova-aument-o-de-52--na-bandeira-vermelha-2.html> acessado em 11/08/2021

8

<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/07/4935527-gasolina-luz-e-gas-de-cozinha-alta-de-preco-s-pesa-no-bolso-dos-brasilienses.html> acessado em 11/08/2021

cuidado. Assim, a maternidade e a culpabilização materna consistem em agravantes para o adoecimento psíquico das mulheres.

Por seu turno, a medicina conferiu um estatuto científico para a naturalização das experiências reprodutivas femininas: “a medicalização do corpo feminino particulariza-se nas implicações específicas da reprodução humana, baseada principalmente em sua biologia, e através dela a sua condição feminina será naturalizada” (Vieira, 2015, p. 19). Então importa entender como a medicalização do corpo feminino também afeta a saúde e o bem-estar das mulheres mães e como têm evoluído os índices de uso de psicofármacos por parte das mulheres, enquanto estratégia privilegiada de política pública de saúde.

Para E. Martín (2006), com o avanço da industrialização, o corpo feminino passou a ser encarado e tratado pela medicina como uma máquina; assim, os modelos médicos da menstruação, do parto e da menopausa se guiam por pressupostos e imagens do corpo feminino associados à produtividade e à eficiência. .

De acordo com S. Maluf (2010), a percepção biologicista do ciclo de vida feminino e o processo mais amplo de medicalização da sociedade dificultam a elaboração de políticas públicas integrais, sobretudo no campo da saúde mental, o que acaba por inviabilizar uma atenção mais sensível e eficaz às aflições enfrentadas pelas mulheres, tornando-as mais vulneráveis.

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto de Psicologia da USP em 2020, o índice de mulheres que se encontram em quadros de depressão, ansiedade e estresse é de 40,5%<sup>9</sup>. Essa pesquisa foi realizada com três mil voluntários de todo o país, homens e mulheres. No entanto, os índices de adoecimento mental entre as mulheres são mais elevados. Refletir sobre como as mulheres estão de alguma maneira mais sujeitas ao adoecimento mental do que homens, e o que pode ser feito para reduzir esses índices, é algo a se pensar no contexto atual. A jornada que muitas mulheres enfrentam, mais o adicional do isolamento social e o caos epidêmico, faz com que mais mulheres tenham adoecimento mental e que precisem também de cuidado.

A questão psíquica se associa às muitas jornadas do trabalho do cuidado, o que possivelmente nos distancia de uma carreira acadêmica ou de trabalhos remunerados mais prestigiosos. No entanto, não se pode tratar as mulheres mães universitárias como vítimas passivas de um sistema opressor, pois resistimos e criamos estratégias para seguir com os estudos.

Desse modo, pesquisar como tem funcionado a dinâmica familiar e as demandas que

---

<sup>9</sup> <https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>

se apresentam para essas mulheres mães universitárias, face à insegurança trazida pela pandemia e aos desafios de ordem prática colocados pelo isolamento social, é um passo importante para apreender quais aspectos de sua vida pessoal estão favorecendo o surgimento ou o agravamento do sofrimento, bem como quais têm sido as estratégias de resistência mobilizadas.

Em nossa sociedade, o cuidado dos filhos, dos pais, dos avós e dos doentes é entendido como obrigação das mulheres, a ser realizada no interior da casa. Esse trabalho geralmente é invisibilizado e costuma ser naturalizado no caso de mulheres negras pertencentes às classes populares, que se encontram em uma situação social mais vulnerável. Nesse sentido, a intersecção de gênero, raça e classe no campo dos trabalhos domésticos e do cuidado pode estar diretamente associada a problemas de saúde mental, especialmente em tempos de crise sanitária, econômica e política.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é compreender como a pandemia, o isolamento social, a maternidade, a vida universitária e as múltiplas jornadas de trabalho se entrecruzam e vêm a intensificar o adoecimento físico e psíquico dessas mulheres. Percebe-se que a disponibilidade de redes de apoio e cuidado e a configuração da parentalidade estão diretamente ligadas aos índices de adoecimento mental de mulheres mães. Dessa forma, um debate amplo e qualificado sobre os elementos socioculturais envolvidos nos casos de transtornos psíquicos vividos por mulheres mães pode contribuir para a construção de iniciativas de saúde sensíveis às questões de gênero, raça e classe que sejam capazes de promover a saúde mental desses sujeitos.

## **Maternidade e Estado**

O Estado tem papel importante no suporte às famílias, para além da rede de apoio formada por laços de parentesco e/ou vínculos afetivos. No art. 54, inciso IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA),<sup>10</sup> consta que o Estado brasileiro deve fornecer o ensino público de qualidade para crianças de zero a cinco anos, por meio da disponibilização de vagas em creches e escolas de ensino infantil.

Segundo Silvia Federici (2019), o Estado fornecer serviços de creches e escolas é uma maneira de zelar também pela saúde e bem-estar físico e mental das mulheres, uma vez que, quando a criança ingressa na creche ou na escola, essa mulher possui mais tempo para

---

<sup>10</sup> <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10611373/artigo-54-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>

trabalhar, estudar e também cuidar de si mesma.

No entanto, devido à pandemia e à necessidade de proteger as crianças, as famílias e as pessoas que constituem a comunidade escolar, as aulas presenciais foram suspensas. No Distrito Federal, as atividades das creches e escolas da rede pública foram suspensas em março de 2020. Em julho de 2020, as aulas retornaram no formato on-line<sup>11</sup>, pois ainda não havia perspectiva para a vacinação de todos os educadores. Em contrapartida, na rede privada de ensino, as aulas remotas iniciaram pouco depois do decreto Nº 40.520<sup>12</sup>, de 14 de março de 2020 que suspendiam as aulas presenciais no DF. No entanto, em julho de 2021, segundo dados do GDF, todos os professores da rede de ensino pública do Distrito Federal foram vacinados e agora é esperado o retorno das aulas presenciais no início de agosto<sup>13</sup>.

Nas entrevistas que realizei, busquei identificar como tem sido a dinâmica doméstica das famílias que possuem os seus filhos no ensino on-line, sejam eles de escolas públicas ou privadas do Distrito Federal, pois entendo ser essencial entender como as múltiplas jornadas de uma mãe podem ter sido afetadas com essa nova rotina escolar.

Cabe considerar as diferenças entre crianças que estudam em escola pública e crianças que estudam em escola particular. Na minha experiência pessoal, na rede pública as aulas remotas on-line somam três horas semanais, enquanto nas escolas particulares são seis horas semanais. Precisamos considerar que o apoio domiciliar para as crianças durante as aulas remotas é mais uma tarefa a ser realizada pelas mães ou pelas famílias.

O isolamento social e a nova demanda de apoio às atividades escolares, associados às poucas opções de áreas abertas, públicas e seguras de lazer nas regiões periféricas do Distrito Federal, quando comparados ao Plano Piloto e a outros bairros nobres, são fatores que certamente interferem na saúde mental das mulheres, das crianças e dos outros membros da família.

É importante ressaltar que antes da pandemia o acesso às creches públicas no Distrito Federal já era precário, e na UnB não é diferente. Em meados de 2017 foi lançado pelo Decanato de Assuntos Comunitários (DEC) da Universidade de Brasília um programa que buscava amparar pais universitários, com um auxílio de R\$485,00 mensais, porém eram disponibilizadas apenas dez vagas por semestre; assim, muitas mulheres mães e pais universitários ainda precisam levar seus filhos para a universidade, como pude observar antes da pandemia.

É necessário enfatizar que desde a aprovação da PEC 241/PEC 55, que congelou por

---

<sup>11</sup> <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/07/12/ano-letivo-retorna-nesta-segunda-13-com-aulas-remotas/>

<sup>12</sup>

[http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ed3d931f353d4503bd35b9b34fe747f2/Decreto\\_40520\\_14\\_03\\_2020.html](http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ed3d931f353d4503bd35b9b34fe747f2/Decreto_40520_14_03_2020.html)

<sup>13</sup> <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/07/26/volta-as-aulas-presenciais-na-rede-publica-do-df-ser-a-escalonada-e-apenas-em-5-de-agosto.ghtml>

20 anos os gastos públicos com as áreas da educação e da saúde, o que fez com que os repasses de dinheiro feitos pelo Governo Federal para as universidades públicas fosse cortado ou reduzido, com impactos negativos diretos. Logo, além de não ter havido reajuste nos valores das bolsas de assistência estudantil, também houve cortes significativos, afetando diretamente os estudantes.

Como aparece no episódio 34 do podcast Antropológicas (2021), o adoecimento mental pode ter conexão com diversos problemas sociais, sendo um deles o financeiro, e o valor de uma bolsa na vida de um estudante pode fazer toda a diferença, uma vez em que muitos precisam escolher entre universidade e trabalho para poder ajudar nas finanças de casa e na alimentação. Durante a pandemia os restaurantes universitários (RUs) se encontram fechados, como também acontece na Universidade de Brasília, assim muitos estudantes que vivem no campus dependem de marmitas entregues diariamente, sendo que há relatos de comida estragada, com larvas, o que causou problemas de saúde a alguns estudantes de acordo com uma reportagem do Jornal Metrôpoles<sup>14</sup> e Hypheness<sup>15</sup>.

Mesmo com as alterações realizadas no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 2019, art.53), as vagas em creches públicas e conveniadas ainda são poucas e não contemplam toda a população. Por outro lado, o valor da bolsa oferecida pela universidade é insuficiente, pois, se você for uma estudante de período integral, não conseguirá pagar a mensalidade de uma creche ou escola em tempo integral. Entretanto, observa-se que as mães que pertencem a uma classe social mais elevada estão em condições financeiras melhores para continuarem seguindo os estudos, em comparação com as mães racializadas e de classes menos favorecidas.

Existe a expectativa de que o Estado atue de forma mais efetiva na implementação de políticas públicas voltadas à primeira infância, especialmente em relação à ampliação de vagas em creches e escolas de qualidade, a fim de que mulheres e outros familiares não precisem deixar de trabalhar fora para cuidar de seus filhos em casa. Além disso, seria necessário que as redes de apoio fossem formadas também por homens, de modo a amenizar a sobrecarga física e mental que é assumida pelas mulheres.

---

<sup>14</sup><https://www.metropoles.com/distrito-federal/alunos-da-unb-protestam-apos-receberem-comida-com-larvas-e-insetos>

<sup>15</sup>

<https://www.hypeness.com.br/2021/03/unb-recebe-denuncias-de-insetos-e-plastico-em-marmitas-para-estudantes-de-baixa-renda/>

## **CAPÍTULO 2 - Maternar e estudar durante a pandemia.**

Foram realizadas cinco entrevistas com mães universitárias de distintos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade de Brasília, pertencentes a raças e classes distintas. Essas entrevistas, que foram realizadas no formato on-line, contaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e com um questionário semi-estruturado; todas as interlocutoras foram informadas de que o seu nome verdadeiro seria substituído por um fictício, a fim de preservar sua identidade. A pesquisa também contou com um formulário on-line, que foi respondido por cinco mães universitárias que se encontra anexado nas páginas finais.

O resultado obtido do formulário, confirmam o aumento das demandas e o cansaço vivenciado por essas mulheres. Além disso, apresentou diversas relações de cuidado e acolhimento, algumas exercem a maternidade solo; outras são casadas e apenas uma possui uma filha com necessidades especiais, o que nos levou a refletir nas cargas e demandas que se tornam ainda mais intensas quando se tem um filho que necessita de uma rotina árdua de cuidados médicos.

Ainda, apresentam as dificuldades de serem mães universitárias e trabalhadoras e outras sobre as dificuldades de não estarem trabalhando no momento. Apontam também sobre a relação maternidade x universidade, em que algumas falam sobre o acolhimento; enquanto as demais falam sobre os aspectos dão ênfase nos aspectos negativos da estrutura da universidade e falta de empatia por parte dos professores. Uma estudante relata que em seu puerpério e sua filha com apenas três meses tiveram de ir apresentar um trabalho em ambiente hospitalar.

Ao definir os pseudônimos, pensei em flores e plantas, que me ajudaram a me manter atenta no decorrer da pandemia. Como foi terapêutico aprender a cuidar de plantas, cada um com suas particularidades e necessidades e em suas múltiplas belezas! Diante disso, são essas as flores: Rosa, Cravina, Lavanda, Girassol e Maranta.

Falarei um pouco sobre como foi em cada entrevista e posteriormente realizarei um levantamento dos dados que foram surgindo ao longo desses diálogos e também daqueles que ficaram nas entrelinhas. Todas as mulheres possuem filhos, algumas apenas um e outras mais de um, em diferentes fases da vida.

Procuró entender o que pode conectar essas mulheres tão distintas em suas vivências e o que traz para perto a experiência de ser mãe universitária em meio a uma pandemia, e também como muitas vezes essas questões podem estar naturalizadas socialmente para

acabarem não sendo umas das temáticas em evidência, como acontece com a exaustão materna, as múltiplas jornadas de trabalho e a rede de apoio. É importante ressaltar que todas as interlocutoras relataram que estão adoecendo com a ocorrência da pandemia e do prolongamento do isolamento social como forma de evitar o contágio. É significativo enfatizar que nenhuma interlocutora possui filhos com doença crônica ou deficiência; que caso tivessem alguma necessidade especial, a rotina de cuidado certamente seria ainda mais pesada e dispendiosa.

Para Echazú et al. (2020), nos últimos anos as universidades públicas no Brasil vivenciaram transições diversas, de modo que pessoas marginalizadas, tais como negros, indígenas, mulheres, pessoas Lgbtqi+ e pobres passaram a ter um acesso maior ao ensino superior, mesmo com as falhas no acesso e permanência. Todavia, mesmo contando com algumas políticas públicas importantes, para muitas mulheres mães se estabelecerem enquanto acadêmicas é quase um “parto” por dia.

Conhecer como funciona a dinâmica familiar de cada participante da pesquisa é importante para que sejam traçados quais pontos podem influenciar o adoecimento mental dessas mulheres e quais pontos podem ajudar a cuidar da saúde e bem-estar de cada mulher e de suas famílias. Para tanto, buscarei identificar também os dados não explicitados nas entrevistas, os não ditos<sup>16</sup>, como a atuação das figuras paternas e a sobrecarga do trabalho doméstico, que influenciam o bem-estar físico e mental e, por conseguinte, a vida acadêmica dessas mulheres, mas que parecem estar sendo naturalizados por elas em alguma medida.

No episódio 13 do *podcast* *Anthropológicas* (2020), a professora Elaine Müller, que é mãe de três, falou sobre o registro que fez das vivências e do cotidiano de maternar na pandemia, por meio de fotografias e de um diário. Ela enfatiza que a maternidade está imbricada com várias atividades domésticas, acadêmicas e de cuidado, principalmente na pandemia, uma vez que o tempo se tornou maior para momentos com os filhos, no entanto também é necessário entender como a pandemia causou ainda mais sobrecarga para as mulheres, principalmente para aquelas que são mães. Elaine ainda traz o fato de que o espaço da casa pode ser um espaço de abuso e de agressão para muitas pessoas, pois, com o isolamento social, mulheres acabaram ficando presas com seus algozes.

Ela faz uma reflexão sobre o que precisaríamos para construir um mundo feminista com valores importantes para o conjunto da sociedade, não somente para as mulheres, um

---

<sup>16</sup> Mesmo trabalhando com essa noção do não-dito, entende-se a dificuldade na definição desse termo. Mas houve um empenho em tentar distinguir o que foi dito pelas interlocutoras e o que foi colocado a partir da minha perspectiva.



feminismo que está associado à maternidade, e sobre como a paternidade e os agentes de Estado poderiam participar ativamente das atividades de cuidado, educação e trabalho doméstico, visando ao bom desenvolvimento da criança. Infelizmente, ela afirma que estamos longe de alcançar essa esfera do cuidado democratizado, uma vez que a violência doméstica tem aumentado durante a pandemia, assim como a paternidade facultativa.

## **Maranta**

Estudante de ciências sociais, ingressou em 2015, teve a sua filha durante a pandemia, longe da sua rede de apoio. Traz consigo relatos de abuso por parte de seu ex-companheiro e voltou para Brasília com apenas duas semanas após o parto. Ela vem se redescobrimdo enquanto mãe e hoje cuida de sua filha de dez meses com a ajuda de sua mãe. Se define como uma mulher parda e de baixa renda, relata que conta com a mãe para tudo nesse momento de pandemia, ainda mais porque se encontra desempregada e não tem nenhuma assistência proveniente do pai de sua filha.

Coloco aqui em evidência uma reportagem que traz um panorama da maternidade solo durante a pandemia, que se reflete muito na fala dessa interlocutora. “Um retrato das mães solo na pandemia (Gênero Número, 2020)” traz a realidade da maternidade solo, que geralmente se compõe de jornadas múltiplas e, com a ocorrência da pandemia, intensificou a vulnerabilidade dessas mulheres, que têm medo de adoecer e não ter com quem deixar seus filhos.

Acredita que, ao longo de sua jornada acadêmica e enquanto mulher gestante, recebia olhares de reprovação quando comparecia no campus; ela não se sentia acolhida pelos seus professores nem durante a gestação nem depois do nascimento da filha. Com o ensino remoto, ela relata diversos momentos de fragilidade, uma vez que estava no período do puerpério; Maranta traz diversos momentos em que pensou em desistir pela falta de amparo e acolhimento por parte de seus professores.

Relata que o seu parto foi do jeito que esperava, da maneira mais humanizada possível, e se sente muito feliz com isso. Recordemos que, para Tornquist (2002) a humanização da gestação e do parto trouxe novos valores, como a participação ativa do companheiro no momento do trabalho de parto e nos cuidados após o parto.

No entanto, define o seu puerpério como um processo de violência psicológica, relata que tem sido um processo bem difícil e que a pandemia intensificou ainda mais. O isolamento social trouxe um sentimento de invisibilidade, poucos espaços de acolhimento e

de lugares em que ela se sinta verdadeiramente bem. Sentiu que perdeu a própria identidade após o nascimento de sua filha, relata que é apenas “a mãe” e que se perdeu do “eu”. Sente-se privilegiada por participar da entrevista, relata que o processo de escuta pelo qual passou foi superimportante e comenta que a ciência precisa cada vez mais ser feita por mulheres mães.

## **Lavanda**

Funcionária pública e estudante de ciências ambientais, se define como uma mulher preta e cisgênero. Mãe de duas filhas, uma de seis anos e a mais nova de dois, estando grávida da terceira. Ela ingressou no curso em 2017 e já tinha uma filha de dois anos de idade e ao longo da graduação teve a sua segunda filha, já agora na reta final do curso está grávida da terceira filha. Considera o curso dela em específico bem tranquilo e acolhedor, pois já precisou levar as filhas para algumas aulas .

Enquanto mãe e universitária, o maior desafio que enfrenta é o de conseguir conciliar todas as demandas da maternidade e da universidade, muitas vezes não conseguindo realizar todas as tarefas da maneira que gostaria. Descreveu o puerpério como uma montanha russa, com vários picos de intensidade, ora bom, ora ruim.

O isolamento social se tornou angustiante, lidar com a maternidade e com as outras demandas da vida tornou tudo mais intenso, por não haver rotinas que permitam dar uma “respirada”, como o fato de os filhos irem para a escola e ela ter tempo para estudar, além do estresse que as crianças estão tendo por não estarem saindo de casa. O fato de precisar lidar com as aulas à distância da universidade e ter que lidar com as demandas escolares das filhas, mais o fator de ter que lidar com as tarefas domésticas, faz com que tudo fique mais estressante.

Assim, trago a seguinte reportagem “Mães relatam regressões e dificuldades de aprendizado dos filhos durante a pandemia (Revista Crescer, 2021)” para fazer essa conexão entre a dificuldade de aprendizagem e também de comunicação relatada pela interlocutora e tornar evidente que o isolamento social e o distanciamento de lugares como escola, parques e casa de familiares têm atrapalhado o desenvolvimento global de várias crianças, assim como também os filhos das interlocutoras.

Acredita que o puerpério durante a pandemia tem refletido em seu momento presente de vida de uma maneira muito negativa. O fato de estar em isolamento social refletiu em como a sua segunda filha lida com pessoas fora do ciclo social de casa, o que dificultou uma

rede de apoio presente, em comparação com a primeiríssima infância de sua primeira filha. Emocionalmente se sente em “um turbilhão de coisas” e fisicamente se sente esgotada; antes da pandemia conseguia praticar esportes e agora não tem conseguido.

Para a interlocutora, quanto mais se pesquisar sobre maternidade e universidade, menos seremos negligenciadas pela universidade e mais se poderá entender o que mães passam em relação às jornadas de trabalho e à saúde mental.

## **Cravina**

Artista e fotógrafa, possui duas filhas, uma de quatro anos e uma de dez meses. Ambas nasceram de cesárea e considera que os seus dois partos foram traumáticos; na gestação de sua última filha, que aconteceu durante a pandemia, ela teve diabetes gestacional. Ingressou na universidade em 2014 e engravidou no início de 2016 e aí trancou o curso pelo período de um ano e meio, para se dedicar “apenas” a maternar. Possui uma boa rede de apoio e foi assim que conseguiu retornar à faculdade. Em sua segunda gravidez, que não foi planejada, ela seguiu fazendo o curso sem trancamentos.

Ela considera o seu curso acolhedor com crianças, tanto pela parte dos docentes como dos discentes. No entanto, não considera o espaço e a infraestrutura da universidade acolhedores com as mães universitárias, uma vez que é bastante complexo encontrar banheiros com trocadores ou acessibilidade para as necessidades de uma criança.

Experimentar a maternidade e a academia em tempos de pandemia se tornou algo quase inviável e ela considera esse processo extremamente difícil. Ela pretende fazer registros enquanto artista desses momentos críticos, como dar janta para uma filha, amamentar a outra e assistir a uma aula ao mesmo tempo. O maior desafio em meio à pandemia é o de não desistir da universidade.

Em relação ao seu puerpério, ela relatou que sentia uma imensa vontade de morrer enquanto amamentava, por ter rachaduras nos seios. Em meio a uma auto-observação ao amamentar, ela descobriu uma disforia de humor com o nome de D-MER (mal-estar na ejeção láctea). Ela relata que sentia isso por apenas alguns minutos, mas que eram momentos extremamente longos, foi então que ela pesquisou e encontrou fontes de informação apenas em inglês. Ela traz ao longo da entrevista um enorme medo de morrer ou de perder o parceiro e deixar suas filhas desamparadas.

Trago a reportagem “A saúde mental das mães nos primeiros 90 dias de vida do bebê” (Revista Crescer, 2020) para refletir acerca da vulnerabilidade em que mulheres se encontram

no pós-parto e como a pandemia introduziu um puerpério dentro de outro e como esse puerpério em processos de repetição tem levado mulheres a experimentarem situações de adoecimento psíquico. Trago então a pensadora M. Silva (2016), que nos mostra que o período do puerpério é singular para cada mulher e que muitas mulheres não esperam sentir a solidão que podem vir a ocorrer no período do puerpério e ao longo das vivências maternas. E como a raiva, a solidão e a tristeza levam essas mulheres ao sentimento de culpa por estarem experimentando sentimentos considerados “errados” em vista do que a sociedade espera de uma mãe que agora está com o seu filho nos braços. Assim, “Uma “boa mãe deveria estar feliz”, não deveria se sentir triste, já “que tudo saiu bem” (Silva, 2016, pp.61).

No que diz respeito a seu bem-estar físico e mental, ela se sente perdida e sem perspectivas para um futuro próximo em relação ao fim da pandemia, acredita que está em seu limite e que cumprir o isolamento social morando em um apartamento se torna um grande desafio para si mesma e para a sua família.

Cravina agradeceu pela pesquisa; disse que precisamos de mais produções acadêmicas na área da maternidade e que o contexto de pandemia para mães deve ser observado com uma lupa, minuciosamente; ela ficou feliz com esse olhar para a maternidade.

## **Rosa**

Ingressou na universidade em 2018 para o curso de filosofia. Engravidou no primeiro semestre; durante uma consulta de rotina do pré-natal, quando teve a sua pressão aferida, foi diagnosticada com pré-eclâmpsia e seu filho acabou nascendo prematuro, o que fez com que ela permanecesse mais tempo no hospital. Hoje o seu filho tem dois anos de idade.

Ela levou o filho para a universidade desde o fim da licença-maternidade, quando ele tinha apenas quatro meses, e fala sobre a falta de estrutura na universidade para acolher crianças, desde as necessidades básicas como fraldário, até a falta de espaços para descanso e lazer. Constantemente se sentiu acolhida pelos colegas e professores. A interlocutora Rosa possui uma rede de apoio ampla e relata que isso foi essencial para conseguir continuar com a faculdade e com os cuidados de seu filho.

Perdeu o emprego no início da pandemia e, no momento, seu marido assume a parte financeira de casa. As demandas em casa dobraram e ela relata que tudo se tornou mais difícil por estar cumprindo isolamento social, pois ela não tem mais os momentos que antes tinha para si mesma. O fato de atender todas as demandas de casa, maternidade e universidade tornou a rotina mais intensa.

Em relação ao seu bem-estar físico e emocional, ela relata estar bem emocionalmente, mas, em momentos de ansiedade, acaba descontando em comida, e o fato de não estar saindo de casa e fazendo atividade física torna tudo um pouco mais complicado.

Acredita que esta pesquisa seja importante por estar sendo realizada por alguém que tem vivência no tema. Sentiu-se mais confortável pelo fato de que eu, na condição de pesquisadora e mãe universitária, poderia falar das minhas próprias vivências e das vivências das interlocutoras com propriedade, de modo a atingir mais pessoas. Ressalta que é importante mostrar que há mães na universidade e que nós também produzimos conhecimento.

## **Girassol**

Assistente social formada pela Universidade de Brasília, é atualmente estudante de mestrado na área de saúde coletiva, possui uma filha de dois anos. Ingressou no primeiro curso em 2014, tendo se formado em 2019, depois disso ingressou no mestrado na mesma universidade.

Em relação à experiência de ser mãe no contexto universitário, ela disse que se sentiu bastante acolhida pelo seu departamento e acredita que talvez seja algo específico do seu, e que talvez em outros não haja tanto acolhimento assim, por já ter ouvido relatos negativos de outras colegas. No entanto, relata que se sentia desconfortável em precisar levar a sua filha para a universidade, não nos momentos de aulas, mas sim em momentos em que precisava caminhar pelo campus e sentia olhares de reprovação de outras estudantes.

As suas demandas extraclasse, as demandas como mãe e as demandas da universidade, somadas, tornam a vida mais complicada; ela contou que não tem conseguido lidar com tantas jornadas nem ter autonomia. As aulas de mestrado iniciaram já durante a pandemia e ela sente que ainda não conseguiu se adaptar, não está confortável com isso, tudo tem sido frustrante neste momento.

Relata que sofreu um aborto antes do início das aulas remotas e contou com o apoio dos professores em sua retomada dos estudos. Sente que, no modelo remoto, a sobrecarga tem sido maior, e não sente proximidade com os professores e amigos.

Em relação ao puerpério, ela contou com uma boa rede de apoio e considera que foi um momento turbulento e de muitas descobertas.

## Rede de apoio

Trabalhar com a premissa de que com uma boa rede de apoio a maternidade se torna mais leve e prazerosa é algo que nos leva a refletir sobre como as mulheres são sobrecarregadas em suas múltiplas demandas: maternar, trabalhar, estudar, tempo para autocuidado, trabalho doméstico e entre tantas outras coisas que as mulheres estão sujeitas socialmente e também do que cada uma escolhe para a sua vida.

É importante analisar a diferenciação que existe em cada rede familiar e como ocorre a socialização em cada família para compreender como a organização social do cuidado atravessa gerações de mulheres. A construção de uma rede de apoio muitas vezes surge por parte de mulheres: mães, avós, tias, irmãs, amigas. Percebe-se que essa forma de organização social e a naturalização do trabalho do cuidado (voltado a crianças, maridos, pessoas mais velhas, pessoas doentes, animais e tarefas domésticas propriamente ditas) como função feminina prejudica as mulheres. Desde a consolidação do sistema capitalista na Europa, as mulheres vêm sendo levadas a assumir o trabalho reprodutivo, os cuidados com os familiares e o trabalho doméstico, uma configuração que, mais recentemente, foi consolidada por meio do dispositivo amoroso, resultando numa superposição de papéis que muitas vezes leva à exaustão, a sentimentos negativos e à redução de possibilidades objetivas de ter outras experiências de vida.

Uma rede de apoio pode ser benéfica para todas as pessoas que dela participam, pois pode amenizar os impactos do acúmulo de trabalho sobre a mulher mãe, contribuindo ainda para o desenvolvimento das crianças e o bem-estar de todos os envolvidos. No entanto, não devemos romantizar a rede de apoio, pois em seu interior podem ocorrer divergências, emoções negativas, hierarquias e conflitos.

Ao ouvir sobre a presença de uma rede de apoio na vida de algumas interlocutoras, foi possível entender como a ausência desse elemento pode fazer com que o sofrimento mental e físico seja maior. Isso porque o suporte material, logístico e afetivo no cotidiano pode amenizar os danos causados por demandas e sobrecargas físicas e emocionais.

As mulheres presentes nessa pesquisa que não possuem uma rede de apoio se mostraram mais esgotadas física e emocionalmente, enquanto as que possuem pontuaram em diversos momentos que, mesmo em tempos de pandemia, ter uma rede de apoio era essencial para que as demandas de maternagem, acadêmicas e de trabalho tivessem uma continuidade, conseguindo por vezes algum tempo para realizar cada atividade de forma efetiva e contínua,

uma vez que, ao estudar ou trabalhar, contavam com alguém de confiança para ficar com as(os) filhas(os).

Consequentemente, é perceptível como a presença de uma rede de apoio colabora positivamente para o constante desenvolvimento social de uma criança, assim como contribui para que a mãe siga com os seus projetos e outras demandas, sem o peso da culpabilização e da exaustão física e mental, quando comparamos com uma mãe que não conta com uma rede de apoio. Expor criticamente essa ideia generalizada de que o cuidado e a criação de um filho é obrigação única da mãe ajuda a entender por que os índices de adoecimento mental têm aumentado exponencialmente entre as mulheres, enquanto os homens em geral são poupados das demandas de parentalidade e cuidado.

Identificar a invisibilidade paterna ao longo das entrevistas nos leva a compreender que a distribuição social das tarefas de cuidado é bastante desigual e injusta. Entende-se que a existência de uma rede de apoio em torno da mulher mãe pode ser um elemento que favorece a saúde mental e o bem-estar, embora ainda seja considerada um “luxo”. É evidente a diferença entre as queixas sobre o nível de exaustão de mães que possuem uma rede de cuidado e das mães que não dispõem de uma. As mulheres que não contam com uma rede de apoio sofrem muito mais do que aquelas que contam com essa rede, além de enfrentar múltiplas jornadas de trabalho, solidão, sensação de invisibilidade, sentimento de não pertencimento e perda de identidade.

É importante ressaltar que quanto mais forte é a rede de apoio, menores são os sentimentos de medo e ansiedade durante a pandemia.

### **Trabalho doméstico**

Após a realização das entrevistas, em conversa com a minha orientadora, surgiu o questionamento sobre como a naturalização do trabalho doméstico perpassa as linhas de pertencimento racial e socioeconômico. Mesmo com as múltiplas jornadas vivenciadas pelas interlocutoras, o volume do trabalho doméstico realizado ao longo de 16 meses de isolamento social foi uma informação que não se fez presente nas entrevistas.

Foram revisados todos os dados que surgiram ao longo das entrevistas, assim como aqueles que não apareceram de forma explícita, mas que não deixam de ser um dado etnográfico relevante. Esses dados que não estavam em evidência me levaram a um importante questionamento: como uma parte tão importante das demandas dessas mulheres

simplesmente não foi um alvo de críticas e apontamentos sobre exaustão e cansaço em suas rotinas? Esse dado é justamente o trabalho doméstico, aparentemente invisibilizado e normalizado pelas próprias mulheres em seus relatos, assim como a atuação de seus companheiros no exercício da paternidade.

Remontar à análise das origens históricas da organização social do trabalho doméstico, a partir do estudo de fôlego de S. Federici, ajuda a compreender que estamos tratando de um dos fundamentos do sistema capitalista de produção, que se renova por meio da socialização das mulheres, geração após geração, orientada para os cuidados — não remunerados e não valorizados — com a casa, filhos, esposo e família, sendo que esse processo de socialização resulta em prejuízos de várias ordens para as mulheres, incluindo sua saúde mental. A autora nos ajuda a compreender como as estruturas do capitalismo, por meio do Estado e da medicina, normatizaram a maternidade compulsória e fazem com que as mulheres estejamos inseridas em um ciclo de aprisionamento em nossos corpos.

Logo, é importante ressaltar que o trabalho doméstico é muito mais do que aquilo que a sociedade reconhece e entender como o capitalismo explora o trabalho associado às mulheres, uma vez que podemos afirmar que:

O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos assalariados física e emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia. É cuidar das nossas crianças - os trabalhadores do futuro -, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo capitalismo. (Federici, 2019, p. 68).

A naturalização do trabalho doméstico faz com que as próprias mulheres o tornem invisível ou irrelevante; tanto assim que, na pesquisa, em meio a tantas demandas cansativas, ele foi citado pouquíssimas vezes.

Observa-se que a pandemia de Covid-19 e as medidas de isolamento social intensificaram e explicitaram o volume de demandas colocado para as mulheres mães, especialmente para aquelas que também estudam e desempenham atividades remuneradas. Trata-se de um trabalho que não se resume a atividades de limpeza (o qual se intensificou muito dada a necessidade de higienizar tudo aquilo que chega da rua, de alimentos a sapatos) e organização da casa, mas se multiplica em apoio pedagógico para as aulas remotas da criança, preparação de várias refeições por dia, apoio emocional para conter os efeitos do



estresse generalizado, organização da rotina doméstica, realização de compras, organização financeira, pagamento de contas e participação nas brincadeiras com os filhos.

A invisibilização do trabalho doméstico também contribui para o adoecimento psíquico. Entender como a lógica sexista do capitalismo nos prende e nos coloca em um local limitado também é entender a importância do feminismo e como ele nos liberta.

De uma maneira simplificada, pensemos em como funciona a lógica familiar de uma ceia de natal em família: todas as mulheres ficam encarregadas de preparar a ceia, limpam e decoram a casa, organizam as roupas da família e a lista de convidados, passam o dia na cozinha para garantir que tudo esteja pronto no horário ideal. Nunca compreendi o que os homens fazem em datas comemorativas, mas é perceptível a naturalização e normatização que presenciamos do trabalho doméstico realizado por mulheres. Separar uma mãe do trabalho doméstico é quase inconcebível no senso comum.

No entanto, recentemente a Argentina deu um grande passo em prol dos direitos das mulheres mães em relação ao trabalho do cuidado: a partir do ano de 2021, o Estado argentino irá garantir uma aposentadoria para mais de 155 mil mulheres mães<sup>17</sup>. Essa decisão histórica para a vida dessas mulheres que sempre trabalharam em casa e com o cuidado de seus filhos representa uma importante reparação no que se diz respeito à desigualdade de gênero no mercado de trabalho e nas relações de cuidado.

O Brasil começa a dar passos em relação à ampliação dos direitos das mulheres que cuidam: em 2021 foi protocolado na Câmara dos Deputados um projeto de lei que prevê que o cuidado materno seja reconhecido para fins de aposentadoria<sup>18</sup>. Assim, essas mulheres receberiam o valor de um salário mínimo e teriam de parcelar em até 60 meses, sem juros e multas, a contribuição restante para adquirir a carência. O projeto é de autoria dos deputados Jandira Feghali (PC do B-RJ), Alice Portugal (PC do B-BA), Professora Marcivânia (PC do B-AP) e Renildo Calheiros (PC do B-PE).

Ao pensar com Silvia Federici (2019), entendo que o dinheiro nada mais é do que o capital e o poder que comanda as engrenagens do sistema capitalista; logo, apoderar-se do dinheiro que é fruto do suor de nossos trabalhos, de todas essas mulheres que exerceram por

---

<sup>17</sup>

[https://www.brasil247.com/mundo/argentina-passa-a-considerar-cuidado-materno-como-trabalho-e-garante-direito-a-aposentadoria-de-155-mil-mulheres?fbclid=IwAR2QD\\_DGG9pdeezKmMLY5g2lWYENvrAF7bBad4IhtJO4G2peNEcFwjdf6ho](https://www.brasil247.com/mundo/argentina-passa-a-considerar-cuidado-materno-como-trabalho-e-garante-direito-a-aposentadoria-de-155-mil-mulheres?fbclid=IwAR2QD_DGG9pdeezKmMLY5g2lWYENvrAF7bBad4IhtJO4G2peNEcFwjdf6ho) acessado em 21/07/2021

<sup>18</sup>

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/08/deputados-querem-que-o-cuidado-materno-seja-reconhecido-na-aposentadoria.shtml> acessado em 10/08/2021)

longos anos o trabalho de cuidado, é desafiar essa relação de poder que o capital estabeleceu com o trabalho das mulheres.

Ainda segundo a pensadora, lutar e exigir remuneração pelo trabalho doméstico é expor como as mulheres vêm sendo invisibilizadas para entrar nos padrões impostos pelo capital. A autora ainda traz uma reflexão sobre como o capital lucra com o trabalho doméstico não remunerado, enquanto maternamos, limpamos e reproduzimos, e como isso se perpetuou na vida das mulheres e foi passado de geração em geração, como se não existisse outra opção para nós.

Em um dos encontros com a minha orientadora, ela relatou que, em um grupo virtual de mulheres de classe média do qual participa, deparou-se com diversos relatos de dúvidas sobre a execução de atividades domésticas simples, atividades que foram assumidas por elas após dispensarem as trabalhadoras domésticas que antes da pandemia realizavam esse trabalho. Esse comentário me causou um certo estranhamento, não me parecia possível não saber realizar tarefas domésticas simples, uma vez que fui inserida em um contexto de ajudar a minha mãe em casa desde cedo.

Isso torna evidente o fato de que mulheres racializadas pertencentes a classes sociais menos favorecidas assumem um enorme volume de tarefas domésticas desde a infância, o que não é reconhecido socialmente como habilidade relevante e valiosa, mas é percebido como um atributo natural de mulheres criadas em contextos de vulnerabilidade socioeconômica.

A naturalização do trabalho doméstico é um fator importante para que as mulheres adoçam mentalmente. Trazer o contexto da pandemia e como as mulheres mães universitárias se encontram à beira de um colapso torna evidente como o projeto do sistema capitalista é de explorar de maneira implacável as habilidades de produção e reprodução da vida. Por isso entendo que o silêncio das minhas interlocutoras no que se diz respeito ao trabalho doméstico significa muito.

Explicitar os sentimentos listados pelas mulheres ao longo da pesquisa, bem como os não ditos e as lacunas, os silêncios ruidosos, nos mostra as consequências das múltiplas jornadas vivenciadas por cada uma. Sentimentos como estresse, esgotamento mental, solidão, impotência, raiva, aversão à maternidade e culpa, dentre outros sinônimos, foram surgindo ao longo das entrevistas. A pandemia agravou tudo isso e essas mulheres vivem em seu cotidiano a injustiça sexista que o capitalismo criou.

O peso distinto do trabalho doméstico para mulheres de diferentes pertencimentos raciais e socioeconômicos diz muito a respeito de como nós mulheres somos socializadas e de como essa socialização está perpetuando o adoecimento mental e a sobrecarga das mulheres,

assim como está limitando ainda mais as possibilidades de outras experiências para além do trabalho doméstico e da maternidade. Mesmo com as lutas já travadas para abandonarem o lar e encontrarem trabalho remunerado e valorizado fora de casa, ainda é preciso travar muitas batalhas para que seja conquistada a equidade de gênero em todas as áreas.

Expressar a forma como a pandemia, o isolamento social e as limitações que esses dois fatores trouxeram para a vida dessas mulheres é também tornar evidente que as possibilidades de ascensão social e acadêmica para essas mulheres e suas proles se reduziram, uma vez que as mulheres pertencentes a camadas sociais mais vulneráveis se encontram cada vez mais sobrecarregadas e empobrecidas, devido às mudanças que ocorrem diariamente em nosso país, como o aumento nos preços de itens básicos de acordo com veículos midiáticos e acompanhamento pessoal <sup>19</sup>.

## **Maternagem e adoecimento**

Falar sobre maternidade e não abordar o puerpério é deixar para trás uma parte do que é ser mãe. Nas entrevistas e no formulário on-line, a seguinte pergunta foi realizada: “Defina o seu puerpério em uma palavra”. E essas são algumas das palavras que surgiram: “Calvário”; “Desafio”; “Loucoamor”; “Inferno”; “Resguardo”; “Cansaço”, dentre outras respostas que não se limitaram a uma única palavra. Compreende-se que o puerpério se inicia logo após o parto e pode se estender até os dois anos ou mais da criança; ao longo desse período, a mulher passa por mudanças psíquicas, físicas e sociais.

Em uma das entrevistas, surgiu o conceito D-MER (mal-estar na ejeção láctea), uma disforia na mulher pouco antes de ejetar o leite. Cravina, que foi a interlocutora que trouxe esse tema, relata que, antes de descobrir esse conceito, ela sentia uma imensa vontade de morrer e se sentia muito mal ao ter que amamentar a filha, sendo que os picos de felicidade e tristeza ocorriam de maneira brusca. Apenas após a descoberta desse conceito, Cravina deixou de se culpabilizar em relação às alterações repentinas de humor ao amamentar. Essa disforia chamou a atenção por ser algo que milhares de mulheres podem estar enfrentando ao longo do puerpério e não fazem ideia, daí a importância de ampliar esse debate em diversos círculos relacionados às experiências de maternar.

---

19

<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/24/alta-na-inflacao-dos-alimentos-e-a-mercantilizacao-das-necessidades-humanas#:~:text=Este%20aumento%20se%20deve%2C%20em,e%20nos%20fretes%20em%202021.>

De acordo com Kitayama (2020), “(...) a amamentação pode surgir como uma forma de pressão sobre as mulheres, quando não se leva em consideração, por exemplo, que a mulher tem que voltar ao trabalho, que ela tem alguma questão no seio que dificulta a amamentação, que tem alguma deficiência ou doença crônica (Kitayama, 2020, p. 72)”. Assim, trago a questão da D-MER como uma intercorrência que pode acometer muitas mulheres sem que saibamos o que está se passando.

Isso ajuda a perceber como a transição de mulher para mãe pode afetar física e psicologicamente essas mulheres e como as questões do puerpério e maternidade são singulares para uma dessas mulheres. Ainda segundo a autora, “(re)pensar a maternidade, portanto, se faz necessário e implica compreendê-la como pauta política em termos de reprodução e relações de poder” (Kitayama, 2020, p.24).

Ademais, essas mulheres que se encontram inseridas em um contexto de isolamento social, de acúmulo de demandas e de privatização do cuidado podem trazer um novo entendimento do conceito de puerpério, pois a pandemia fez com que a experiência de matinar se tornasse, para muitas mulheres, um período de resguardo “sem fim”, com desdobramentos dos pontos de vista físico, subjetivo, profissional e financeiro.

Esse entendimento de puerpério traz a quarentena com todos os sentimentos possíveis, como uma reconstituição do que já se foi para muitas dessas mulheres. Um contexto de sentimentos “à flor da pele”, misturando raiva, tristeza, desânimo, insatisfação e uma vontade avassaladora de morrer ou um medo intenso da morte. Posso afirmar que essa sensação de *flashback* em alguma medida se faz presente nos relatos de minhas interlocutoras, independentemente da idade de seus filhos.

A pandemia trouxe para as mulheres sentimentos como o medo de morrer e deixar os filhos e companheiros desamparados. A interlocutora Cravina pontuou bastante esse medo que vem sentindo de maneira estressante com o decorrer da pandemia. De fato, no Brasil o índice de mortalidade materna em decorrência da Covid-19 aumentou de maneira avassaladora e com isso a rede de apoio para essas crianças é formada por avós, tias e outras mulheres da família. Trago a reportagem “Filhos separados e famílias desestruturadas: o impacto das mortes maternas por covid” como um pequeno parâmetro de como estamos lidando com as mortes maternas no Brasil.

Vale ressaltar que, no Distrito Federal, a vacinação de mulheres grávidas e puérperas se iniciou recentemente e que mulheres que ainda se encontram em grupo de risco, como as lactantes, ainda não obtiveram o direito à vacina. Esse medo de morrer e deixar a família sem

algum amparo pode se tornar bastante comum entre mulheres mães, ainda mais nas famílias em que os filhos dependem integralmente delas.

Os índices alarmantes de mortalidade materna em decorrência da Covid-19 representam ainda mais trabalho para as mulheres que assumem os cuidados com as crianças que ficaram órfãs, o que nos leva a buscar entender como o sofrimento atravessa não só a mãe como chefe de família, mas sim todas as mulheres pertencentes ao grupo familiar ou de amigas que criam uma rede feminina de cuidado, tornando-se explícito o contexto patriarcal e sexista que estrutura as sociedades capitalistas. De acordo com a pensadora O'Reilly (2021): “Na cultura patriarcal contemporânea, a maternidade normativa define a maternidade como cultural para as mulheres e essencial para o seu ser, posiciona a mãe como a cuidadora central de seus filhos biológicos e pressupõe que os filhos requerem uma maternidade em tempo integral” (O'Rilley, 20201, p. 38, tradução livre).<sup>20</sup>

É evidente como o sofrimento materno é composto por diversos recortes que podem estar em evidência e outros pontos que estão ali em oculto, mas que também afetam a vida e o emocional dessas mulheres. A singularidade do sofrimento pode ser observada na fala das interlocutoras, especialmente na fala da interlocutora Rosa, que, em momentos de frustração e ansiedade, acaba comendo demais.

A palavra “frustração” esteve presente em diversos relatos das interlocutoras: frustração por tantas demandas e por não estarem conseguindo realizar todas as tarefas da maneira como esperavam ou por não estarem conseguindo ter um local calmo para estudar, as lutas diárias para não desistir da vida acadêmica e a frustração pelos filhos que se encontram entediados e ansiosos, pelo fato de não poderem estar saindo de casa e diversos outros motivos.

Nesse sentido, a metáfora da “mãe guerreira” nada mais é do que a mulher que se encontra abarrotada de demandas que poderiam ser divididas com outras pessoas que compõem o núcleo familiar. Pode-se perguntar para milhões de mulheres “o que é ser uma mulher geurreira?”, essas mesmas mulheres que se encontram com acúmulo de demandas em casa: cuidar da casa, dos filhos, do marido e ainda seguir com uma vida acadêmica ou trabalho fora de casa, que talvez não aguentem mais ouvir esse termo. Mulheres exaustas, cansadas e traumatizadas pelas múltiplas demandas que precisam atender em um dia, matar

---

<sup>20</sup>“No original: *In contemporary patriarchal culture, normative motherhood defines mothering as cultural to women and essential to their being, positions the mother as the central caregiver of her biological children, and assumes that children require full-time mothering*”(O'Rilley, 2021, pp. 38).

um leão por dia e morrer diversas vezes sem um cuidado para si. Segundo a doutora em psicologia Carla Antloga (2021),<sup>21</sup>:

Mas uma guerreira é alguém que está na guerra. E a guerra é um lugar que desumaniza. A criação que uma guerreira dá para seus filhos é permeada por medo, por uma falta de delicadeza e um embrutecimento que só os filhos das guerreiras conhecem.

Uma mãe guerreira no geral tem pouco ou nenhum apoio do pai ou dos pais dos filhos. É ela que sabe a cor do cocô, o calendário de vacinação, as alergias mais graves. E, como ela cuida de tudo sozinha, é claro que será ela a culpada se algo der errado. E isso gera um horror cotidiano, uma preocupação que nunca acaba. Que mãe nessa condição pode curtir os filhos com tranquilidade? Achar graça nas molecagens? Enxergar poesia na rotina? O amor sai meio torto, as expressões de afeto ficam estranhas: broncas e exigências assumem diariamente o lugar de elogios e da doçura.

Ser mãe guerreira é um sonho para aqueles que acreditam no heroísmo de ter uma jornada de trabalho tripla, em comparação com as jornadas e demandas realizadas por homens. Ao analisar as falas das interlocutoras, percebe-se um acúmulo de funções que levam ao esgotamento físico e mental. Assim, para as interlocutoras que não possuem companheiros, a rede de apoio se tornou essencial para driblar o esgotamento e a ideia generalizada de que o filho é obrigação única e exclusiva da mãe.

Os pesquisadores Ximenes e Freitas (2021) afirmam que a maternidade enquanto movimento político é uma forma não oficial de organização de mulheres, que se contrapõe à esfera política patriarcal, e pensam o materno e o cuidar como atos políticos, com o objetivo de transformar a cultura patriarcal e sexista em que vivemos. É a partir desta ideia que trataremos, a seguir, das conexões entre maternidade e privatização do cuidado.

---

<sup>21</sup> Link para acesso: <https://noticias.unb.br/artigos-main/4961-a-mae-guerreira> acessado em 22/07/2021

### Capítulo 3 - Maternidade e a privatização do cuidado

Buscar melhorias nas condições de trabalho e igualdade em todas as esferas faz parte da vida de milhares de mulheres brasileiras. Todavia, percebe-se que as consequências negativas da pandemia já se fazem sentir na vida das mulheres mães universitárias, pois as possibilidades objetivas de ascensão na vida acadêmica foram seriamente prejudicadas nos últimos 16 meses. Além disso, a vida escolar e o desenvolvimento global de seus filhos também estão prejudicados, porque as famílias não estão recebendo o apoio necessário. De outro modo, uma atuação efetiva do Estado, articulada a uma rede de apoio formada por parentes e/ou amigos e a um mercado de trabalho que respeitasse as necessidades da mulher mãe, certamente contribuiria para a redução das desigualdades sociais e dos índices de adoecimento mental entre mulheres mães.

Observamos a tendência à privatização e à hiperindividualização do cuidado das crianças, associada à invisibilização desse trabalho realizado predominantemente pelas mulheres. Todavia, ao pensar em rede de apoio, pensamos também em um coletivo de pessoas e devemos entender que existem diferentes configurações de rede de cuidado que resistem no mundo capitalista contemporâneo, que é estruturalmente individualista.

Importa apreender como as estudantes que são mães encaram a desigualdade de sua condição na universidade, em comparação com mulheres que não têm filhos e com homens – uma situação que foi agravada pela pandemia. Trago então duas reportagens: “Mães chegam a receber até 40% menos do que colegas sem filhos” (R7,2018,<https://noticias.r7.com/economia/maes-chegam-a-receber-ate-40-menos-do-que-collegas-sem-filhos-11122018> ) e “Sindicato das mães cuidadoras: porque cuidar é trabalho” (Lunetas, 2021,[https://lunetas.com.br/sindicato-das-maes-e-cuidadoras/?fbclid=IwAR3Pt\\_0Wi9RPQ1munj4jAQQsMeWWJ4ctSyt9Xr\\_3GSg7h9u4DVdhln-HZbE](https://lunetas.com.br/sindicato-das-maes-e-cuidadoras/?fbclid=IwAR3Pt_0Wi9RPQ1munj4jAQQsMeWWJ4ctSyt9Xr_3GSg7h9u4DVdhln-HZbE) ). Assim, torna-se evidente como o trabalho doméstico é um trabalho invisível e não remunerado e como o mercado de trabalho remunera mal as mulheres porque elas em geral também são mães e/ou cuidadoras. Isso nos ajuda a entender que o sistema capitalista tem como base o trabalho socio-reprodutivo não remunerado realizado pelas mulheres e o trabalho considerado produtivo (e consequentemente remunerado) realizado por homens.

Para Nancy Fraser (2020) não dá para pensar o capitalismo sem a presença do cuidado e o capitalismo não remunera esse trabalho, logo as pessoas deixam de querer realizar esse

trabalho invisível, não pago e inferiorizado. O capitalismo depende do cuidado, mas não valoriza esse cuidado nem o remunera.

A pandemia trouxe novos desafios e dificuldades cotidianas para mulheres que já estavam em desvantagem na vida acadêmica e já estavam sobrecarregadas física e mentalmente. Nos últimos 16 meses, nós deixamos de contar com a creche ou a escola para os filhos (incluindo as refeições que as crianças faziam nesses espaços), deixamos de contar com a infraestrutura da universidade (biblioteca, computadores, conexão com a internet, restaurante, momentos de encontro com colegas), vimos a rede de apoio se tornar ainda mais reduzida, não conseguimos ter momentos de lazer, descanso e autocuidado e perdemos poder de compra, sendo que algumas chegamos a perder o emprego. Nesse novo cenário, aumentam as sensações de solidão, insegurança, frustração e culpa.

A pandemia colocou em evidência e levou ao limite o fato de que, nas sociedades capitalistas, o cuidado é privatizado, ou seja, é realizado predominantemente por mulheres dentro da casa; o cuidado não é valorizado socialmente e é concebido como atributo natural das mulheres, sobretudo das mulheres racializadas e mais pobres. De acordo com Scavone (2001), a maternidade foi considerada pelo crítica feminista o ponto principal para delimitar e elucidar a dominação de gênero, sendo também a fonte de pertencimento social para as mulheres que se dedicavam às experiências de gerar, parir, amamentar e cuidar dos filhos. Ainda segundo Scavone:

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como **símbolo** de um ideal de realização feminina, como também símbolo da *opressão* das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as *inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo*. Além disso, ela pôde ser compreendida como constituinte de um tipo de organização institucional, cujo núcleo central articulador é a família. (Scavone, 2001, pp. 142 -143).

Considerar os marcadores de classe social e raça nessa conjuntura é algo importante para analisar a pouca efetividade de ações governamentais de suporte às famílias no decorrer da pandemia. No Distrito Federal, algumas escolas públicas fizeram pequenos editais da “cesta verde”, que consiste em alimentos recebidos pela escola e repassados para as famílias que as solicitaram, porém nem todas as pessoas da comunidade escolar tiveram acesso a essa cesta. Apresentar a condição dessas famílias e de como milhares de mulheres, crianças e



outros familiares se encontram em situação de vulnerabilidade alimentar ajuda a compreender um dos muitos impactos que a pandemia tem causado nas famílias.

A precariedade alimentar, educacional, emocional e social vivida por milhões de brasileiros pertencentes às classes menos favorecidas é um elemento crucial para contextualizar a situação das mulheres mães universitárias que fizeram parte desta pesquisa.

Trago para ocasionar uma reflexão a reportagem “Por renda, 13% das crianças brasileiras deixaram de comer na pandemia” (2020, Revista Galileu, <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/06/por-renda-13-das-criancas-brasileiras-deixaram-de-comer-na-pandemia.html> ). Os impactos gerados pela pandemia, como o fechamento de escolas e os altos índices de desemprego, levam à falta de abastecimento de comida nos lares brasileiros. Vale ressaltar que no Brasil muitas crianças fazem as suas únicas refeições no ambiente escolar e agora, com a pandemia, isso já não é possível. Também é crucial frisar que, ainda que existam políticas públicas voltadas para uma composição de renda, como o auxílio emergencial pago pelo governo federal, hoje ele é de apenas R\$ 150,00 por pessoa e de R\$ 375,00<sup>22</sup> reais para mulheres que ocupam o cargo de chefe de família.

Assim, apreender os prejuízos acarretados pela ausência de redes de apoio formadas por familiares, creche, escola, outras políticas públicas e comunidade nos leva a compreender que a pandemia de Covid-19 afetou o arranjo sociológico do cuidado em seus aspectos micro e macro.

Os dados obtidos em um levantamento realizado em 2018 pela empresa de classificados de empregos Catho<sup>23</sup>, com a participação de 2,3 mil pessoas de todo o Brasil, apontam que 30% das mulheres abandonam o mercado de trabalho para poder cuidar de seus filhos, enquanto apenas 7% dos homens fazem o mesmo. Essas mesmas mulheres já encontraram problemas ao se ausentar do trabalho em decorrência de alguma enfermidade dos filhos ou de reuniões escolares. A pesquisa traz outros dados importantes, como o constrangimento e assédio no trabalho que essas mulheres enfrentaram pelo fato de serem mães.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) realizada em 2020, a pandemia fez com que mais de sete milhões de mulheres perdessem os

---

<sup>22</sup> Link de acesso em:

<https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/programas-sociais/noticia/2021/08/01/auxilio-emergencial-2021-calendario-atualizado-2021-5-parcela.ghtml> acessado em 01/08/2021

<sup>23</sup> Link de acesso em:

<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/05/10/pesquisa-mostra-que-30percent-das-mulheres-deixam-trabalho-por-caoa-dos-filhos-homens-sao-7percent.ghtml> acessado em 19/07/2021

seus empregos, enquanto o total de homens que perderam o emprego foi de cinco milhões. Mais uma vez, é necessário ponderar sobre como a pandemia evidenciou ainda mais os efeitos da desigualdade de gênero para as mulheres, especialmente as racializadas e pertencentes às classes menos favorecidas.

A situação é tanto mais dramática porque os altíssimos índices de mortalidade materna durante a pandemia causaram um efeito-dominó em muitas famílias, as quais precisaram assumir os cuidados de crianças órfãs, trabalho realizado predominantemente por outras mulheres (avós, tias, irmãs).

Muitas crianças e adolescentes estão perdendo o seu principal cuidador, seja a mãe, o pai, os avós ou tias(os), sendo essas pessoas as responsáveis por proverem afeto, um lar, alimentação e apoio emocional e financeiro ao longo de seu desenvolvimento. Na reportagem “Covid provoca ‘pandemia oculta’ e deixa 130 mil órfãos no Brasil, indica estudo” (O

Tempo, 2021, <https://www.otempo.com.br/brasil/covid-provoca-pandemia-oculta-e-deixa-130-mil-orfaos-no-brasil-indica-estudo-1.2515945>), encontra-se o resultado de uma pesquisa sobre índices nacionais de morte por Covid-19, que foi divulgada na revista Lancet, sendo que o Brasil ocupa a quarta posição em número de órfãos entre os 21 países incluídos na pesquisa.

Os efeitos a curto e a longo prazo para essas crianças e adolescentes que perderam os principais cuidadores podem gerar ainda mais desigualdades, além da separação do restante dos irmãos e familiares, nos casos em que essas crianças são direcionadas para internatos, além de correrem o risco de sofrerem algum tipo de abuso, fome e desamparo. Todas essas mortes causam uma grande reformatação familiar.

Atualmente há três projetos de lei de assistência para essas crianças e familiares: o PL 887/2021<sup>24</sup> foi protocolado pelo senador Rogério Carvalho (PT-SE) e visa a criar um fundo de pensão até os 18 anos para as crianças que perderam os pais em decorrência da Covid-19; o PL 2.180/2021,<sup>25</sup> de autoria da senadora Eliziane Gama (Cidadania-MA), visa a criar um fundo financeiro para crianças que ficarão órfãs, e um cadastro para órfãos com prioridades em programas sociais; e o PL 1824/21, de autoria da deputada Tia Eron

---

<sup>24</sup> Link de acesso em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/22/menores-cujos-pais-morreram-de-covid-19-poderao-ter-direito-a-pensao>

<sup>25</sup> Link para acesso em:

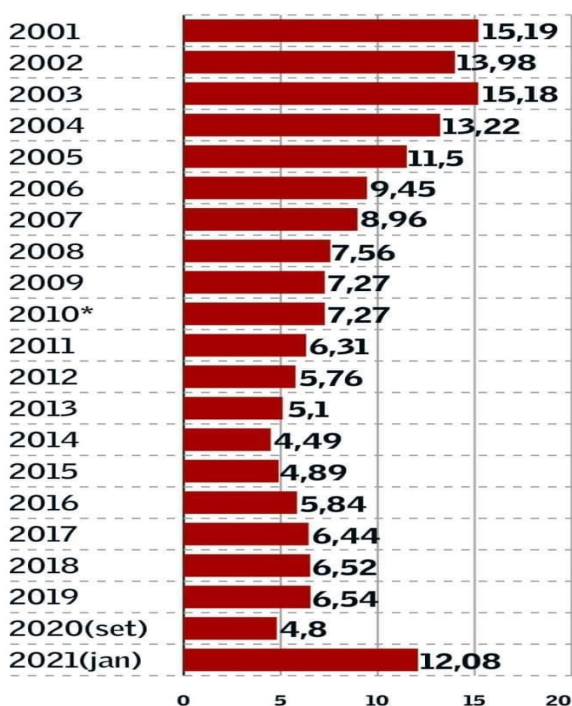
<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/07/orfaos-da-covid-19-podem-ter-direito-a-auxilio-assistencia>

(Republicanos-BA)<sup>26</sup>, que instituiu o Programa de Proteção às Crianças e Adolescentes Órfãos de Vítimas da Covid-19 e da Violência Doméstica e Familiar chamado PPCOV, XXXX. É importante entender como esses projetos vão ampliar o acesso a políticas públicas para famílias que perderam os seus principais provedores de renda, cuidado e afeto durante a pandemia.

Além disso, a vulnerabilidade social tem crescido desenfreadamente nos últimos meses de pandemia e os índices de fome e pobreza extrema estão alcançando patamares antes não imaginados, como se pode observar no gráfico a seguir:

### Extrema pobreza

Em % da população brasileira



Fonte: 2000 a 2011, Ipea; 2012 a 2019, IBGE/Pnad Contínua/Pnad Covid; elaboração: Valor Data.  
\*Não disponível – dado do ano anterior

Percebe-se que as classes menos favorecidas estão mais propensas a sofrerem esses impactos negativos em um prazo curto de tempo, por isso é fundamental buscar soluções efetivas para amenizar a pandemia invisível de fome e miséria.

Reafirma-se, então, a importância da criação de políticas públicas efetivas para o enfrentamento da pandemia e seus múltiplos efeitos para as brasileiras e brasileiros, a fim de garantir a saúde e o bem-estar das cidadãs e cidadãos.

<sup>26</sup>

<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/argumento/2021/03/projeto-de-rogerio-carvalho-institui-pensao-para-orfaos-de-pais-vitimas-de-covid-19>

## Parentalidade e pesquisa no Brasil

Em 2016 surgiu o movimento *Parent in Science*, que foi criado com o propósito de levar a discussão sobre maternidade e paternidade para as instituições de ensino superior brasileiras. Esse movimento busca destacar os impactos causados nas carreiras acadêmicas de mulheres e homens que possuem filhos e também de criar uma rede de apoio para esses profissionais. Além disso, o projeto abrange pesquisas e levantamento de dados acerca da parentalidade e das questões de gênero.

Durante a pandemia, o projeto *Parent in Science* realizou um levantamento de dados intitulado “Produtividade acadêmica durante a pandemia: Efeitos de gênero, raça e parentalidade”, que contou com a participação de quase 15 mil cientistas, entre eles discentes de pós-graduação, pós-doutorandas(os) e docentes/pesquisadores – sublinho que os estudantes de graduação não fizeram parte dessa pesquisa.

De acordo com a análise do grupo, as mulheres negras com e sem filhos e as mulheres brancas com filhos de até 12 anos foram os grupos mais afetados em relação à produtividade acadêmica ao longo da pandemia, enquanto a produtividade de homens, principalmente daqueles que não possuem filhos, foi a menos afetada no decorrer da pandemia. Os dados apresentados mostram como as questões de gênero, raça e maternidade estão atrelados e contribuem para uma sub-representação feminina na ciência, como relata o grupo na conclusão da análise.

Assim sendo, buscar promover políticas de permanência e ações afirmativas voltadas para as mães na universidade é crucial para promover a equidade de gênero na ciência e na pesquisa.

Um dos grandes avanços que tivemos recentemente para as mães pesquisadoras, que também foi fruto de uma mobilização iniciada em 2017 pelo *Parent in Science*, foi a inclusão da licença-maternidade no Currículo Lattes, a fim de registrar e justificar o período de afastamento da produção científica para cuidar de seus filhos. Vale enfatizar que uma pausa na produção acadêmica pode prejudicar essas cientistas em projetos futuros, daí a inclusão da licença-maternidade no currículo foi crucial para que essas mulheres não fossem prejudicadas por serem mães e tirarem um tempo para estarem com seus filhos.

O movimento *Parent in Science*, além de fomentar a pesquisa sobre maternidade, gênero e desigualdade, realiza diversos outros projetos relevantes, como o guia sobre editais nacionais e internacionais das agências de fomento e instituições de ensino superior que

levam em conta a maternidade<sup>27</sup>, trazendo cada vez mais uma igualdade na ciência e pesquisa.

### ***Tully e Tallulah: a hiperindividualização da figura materna no cinema***<sup>28</sup>

O cinema proporciona diversas referências às experiências da maternidade nas sociedades capitalistas contemporâneas. Tomemos como referência estética dois filmes norte-americanos lançados recentemente.

O filme *Tully* (2018) propicia um retrato realista do puerpério entre mulheres brancas de classe média, uma vez que a protagonista lida com diversos processos internos e externos antes e depois do nascimento de sua terceira filha; ela cuida da casa, dos filhos e do marido, muitas vezes falhando em atender as expectativas sociais criadas em torno de uma mãe, e com isso o sentimento de culpa surge com frequência. Os sinais de tristeza e apatia estão presentes em vários momentos, além da exaustão física e mental, mas ninguém se dá conta da magnitude do problema, até que acontece um grave acidente e a relação conjugal se reconfigura parcialmente (Tempesta & Cabral, 2019). Compreender que antes e depois de se tornar mãe a mulher é um sujeito é um elemento crucial para abordar a saúde das mulheres mães.

*Tallulah* (2016) é um filme norte-americano que traz a história da jovem Lu, uma mulher branca de classe baixa que se encontra em situação de vulnerabilidade social; após ser abandonada pelo namorado, Lu vai até a casa da mãe dele, Margaret, em busca de respostas sobre o paradeiro do rapaz. Após ser rejeitada por Margaret, Lu acaba encontrando Carolyn, uma mulher branca de classe média-alta e mãe da bebê Madisson, que está hospedada em um hotel e que também sofre com o abandono afetivo por parte do marido. Carolyn claramente não está em condições emocionais para zelar por sua filha; ela sai para um encontro e deixa a menina aos cuidados de Lu, mulher que acabara de conhecer. Lu então toma a decisão de raptar a criança, pois avalia que a mãe não se encontra em condições de cuidar dela.

Lu procura Margaret novamente, na intenção de conseguir uma aproximação ao dizer que a menina é sua filha com Nico, seu ex-companheiro. Margaret, que também sofre com o

---

<sup>27</sup> link de acesso:

[https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b\\_40bcdd9b34b04ece83507ce6b8866fd8.pdf](https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_40bcdd9b34b04ece83507ce6b8866fd8.pdf) acessado em 22/07/2021.

<sup>28</sup> *TALLULAH*. Direção Sian Heder. Estados Unidos: Netflix, 2016. (111 minutos).

fim de seu casamento conturbado e com o abandono de seu filho Nico, decide acolher Lu e sua suposta neta. No decorrer do filme, é possível entender melhor como o abandono materno (e paterno) faz parte da biografia das personagens e como influencia as decisões tomadas ao longo da trama. O filme é interessante por abordar as relações de cuidado, abandono e sofrimento em que essas mulheres se encontram. Além disso, quem assume as tarefas de cuidado da criança são sempre as mulheres.

É possível observar as relações de cuidado e a ausência do mesmo nos dois filmes. Em *Tallulah* (2016), Carolyn é tratada como uma mãe negligente e fútil e não conta com o apoio de ninguém para lidar com os dilemas da maternidade, além de demonstrar sinais de DPP (depressão pós-parto), como apatia e tristeza. Em *Tully* (2018) a protagonista também passa pela ausência do cuidado e, por sua vez, passa a ter somente o zelo por parte de sua babá, que posteriormente se configura em uma lembrança de quem já fora um dia, um sinal de que estava passando por um período árduo do puerpério.

Se faz necessário buscar compreender a questão da hiper-individualização que está atrelada com uma hiper-responsabilização das mulheres mães mostradas nos filmes e nos dados aqui apresentados, trazendo todos os arranjos envolvidos nas relações de cuidado como os filhos, outros parentes que precisam de cuidado, companheiro, animais e plantas e como todas essas relações se conectam com a figura da mulher mãe. Buscar maneiras de combater essa hiperindividualização e responsabilização da figura materna, na intenção de tornar as relações de cuidado democráticas em que todos participem de maneira ativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar e vivenciar o maternar na pandemia foi um dos maiores desafios que experimentei nos últimos anos. Enquanto mãe universitária e trabalhadora, experimentar a maternidade em um pandemônio e lidar com aulas remotas foi uma grande montanha-russa. Mas entendi que houve diversos momentos de pura satisfação e euforia com as aulas remotas, participação em seminários e outras atividades acadêmicas, o que não acontecia antes da pandemia. Senti a potência que é estudar maternidade, relações de cuidado e feminismo e poder ouvir e dialogar com mulheres mães universitárias, que em suas vivências singulares deram vida a essa pesquisa.

Vimos ao longo deste trabalho como os marcadores de gênero, raça e classe social perpassam as relações de cuidado, configurando experiências de maternidade singulares, que podem incluir adoecimento psíquico e obstáculos objetivos para o crescimento na vida acadêmica, bem como desafios para o desenvolvimento global dos filhos. Ao prestar atenção também aos não ditos, percebi que minhas interlocutoras naturalizam em alguma medida a associação entre trabalho doméstico e cuidado dos filhos e a figura feminina, uma vez que elas raramente mencionaram o tempo gasto com essas atividades ou as tarefas eventualmente realizadas pelos pais.

Desse modo, entendo que elas perpetuam esse silenciamento e invisibilização do trabalho reprodutivo; por outro lado, perceber que essa é uma problemática inerente à sociedade capitalista, que explora ao máximo o trabalho afetivo, sexual, reprodutivo, braçal e de cuidado que as mulheres vêm realizando ao longo dos séculos, é essencial para elaborar e implementar políticas públicas específicas, como a remuneração do trabalho doméstico, a ampliação das vagas em creches e escolas e o acesso à saúde em sentido amplo.

Percebe-se a importância de uma boa rede de apoio para a vida dessas mulheres e como a pandemia intensificou a privatização do cuidado, multiplicando as demandas dessas mulheres, muitas vezes sendo a razão de um adoecimento físico e psíquico, uma vez que os encontros presenciais foram impossibilitados ao longo da pandemia, assim como os passeios, idas à escola e parques e outras atividades que antes possibilitavam uma melhor qualidade de vida para as mulheres e seus filhos .

Além disso, compreendi que as relações de cuidado são passadas de mulher para mulher, ao longo das gerações, e que as reconfigurações dos arranjos de cuidado que se mostram necessárias no âmbito das famílias, como a adoção de crianças e adolescentes que perderam sua mãe ou o cuidador principal para a Covid-19, se fazem igualmente em torno da

figura de outras mulheres. Essas reflexões acerca dessas famílias desestruturadas, da invisibilidade do trabalho materno e do aumento das demandas, incluindo a de alfabetizar e apoiar os estudos de um filho, assim como o trabalho remoto e a vida acadêmica em curso, mostram o tamanho do desafio enfrentado por minhas interlocutoras.

Minha intenção é enfatizar a importância de políticas públicas voltadas à permanência de pessoas que possuem filhos no ensino superior, a fim de conquistar a equidade de gênero na vida acadêmica e no mercado de trabalho.

Mas ficam as perguntas: como se pode construir um espaço acadêmico acolhedor para as mulheres mães na atual conjuntura de isolamento social? Como o processo de democratização da universidade pública pode vir a favorecer a permanência e a ascensão das mulheres mães, especialmente aquelas racializadas e em situação de vulnerabilidade social? Quem cuida de quem cuida? Acredito que a reflexão engajada a respeito dessas questões pode tornar a universidade um espaço mais democrático, acolhedor, plural e justo.



## Anexos I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Roteiro

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

**Título do projeto de pesquisa:** *Puerpério em quarentena: Experiências de mulheres mães universitárias em tempos de pandemia*

**Pesquisadora:** Milena Sasha Santos Batista, CPF: 047 937 662 85, RG: 3221728 /SSP DF. Qualificação: Graduada em Ciências Sociais- habilitação em Antropologia. Telefone celular: 61 98583 2481, endereço eletrônico: [milenassbatista@gmail.com](mailto:milenassbatista@gmail.com)

Saudações!

Venho convidá-la a participar da pesquisa intitulada “Puerpério em quarentena: Experiências de mulheres mães universitárias em tempos de pandemia”.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários e material audiovisual, ficarão sob minha guarda.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada. É para este procedimento que você está sendo convidada a participar. Além disso, pretendo participar de congressos, fóruns, seminários e reuniões abertas voltados para o tema de puerpério e maternidade em tempos de Covid-19.

A presente pesquisa está vinculada à pesquisa de pós-doutorado da minha orientadora, Giovana Acacia Tempesta, intitulada “Mulheres que apoiam mulheres. As doulas e o movimento de humanização do nascimento no Brasil”, que foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa de Ciências Humanas da UnB (CEP CHS).

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar por meio do telefone e/ou do endereço eletrônico fornecidos no presente Termo.

O foco da pesquisa é analisar de que formas um conjunto de mulheres mães universitárias estão sendo afetado pela pandemia do novo coronavírus, especialmente no que

se refere às consequências do longo período de isolamento social para o seu bem-estar e a sua saúde física e mental.

Esclareço que os resultados da pesquisa serão devolvidos às participantes em uma reunião específica, em local de fácil acesso, em data a ser previamente pactuada com as mesmas.

Esclareço ainda que os resultados da pesquisa poderão ser publicados na comunidade científica, especialmente nas áreas de antropologia urbana, saúde coletiva, sociologia das emoções e estudos de gênero.

Agradeço antecipadamente pela sua colaboração.

\_\_\_\_\_  
Milena Sasha Santos Batista – Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

## Anexo II - Roteiro de entrevistas

*Lembretes importantes:* 1. Você é livre para responder apenas as perguntas que não lhe causem qualquer tipo de constrangimento. 2. Nas publicações científicas decorrentes desta pesquisa, os nomes reais serão substituídos por nomes fictícios.

### *I. Falando sobre você (nome completo)*

1. Como você se define em termos de gênero, raça, inserção socioeconômica e profissão? 2. Qual a data e o local do seu nascimento?
3. Você tem filhos? Quantos?
4. Como foi o seu parto?
5. Você trabalha? Se sim, com o quê?

### *II. A relação da maternidade e universidade*

6. Quando você ingressou na universidade?
7. Teve algum filho enquanto estava em formação na universidade?
8. Como foi sua formação? Que aspectos dos cursos e/ou experiências sejam elas positivas ou negativas em relação à maternidade e o puerpério você teve durante a sua formação?
9. Você já precisou levar seu filho(a) para as aulas? Se sentiu em um ambiente acolhedor?
10. O seu curso se mostrou acolhedor com mães ao apresentar um plano de retorno às aulas remotamente?
12. Quais foram os maiores desafios que você já enfrentou como mãe em um ambiente universitário?

### *III. Puerpério e pandemia*

13. Se tivesse que definir puerpério em única palavra, qual seria?
14. Como você se sentiu nesse tempo de isolamento social?

15. Você possui uma rede de apoio?

1

Puerpério, mães universitárias e pandemia

16. As suas demandas aumentaram após o início do isolamento social?

17. Como foi para você parir em um contexto de pandemia?

18. Como está sendo/foi o seu puerpério em tempos de isolamento social?

19. Como está o seu bem estar físico e emocional?

20. Você continuou trabalhando presencialmente ou remotamente durante a quarentena?

*IV. Sobre sua participação nesta pesquisa*

21. Você gostaria de dizer alguma coisa sobre esta pesquisa?

Agradeço imensamente pela sua colaboração.

**Milena Sasha Santos Batista**

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_.

Duração da entrevista: \_\_\_\_\_

## Anexo III - Formulários Google

### Puerpério, mães universitárias e pandemia

Olá, o meu nome é Milena, sou mãe de um menino de 7 anos, tenho 23 anos e sou estudante de graduação, atualmente curso antropologia e estou no processo de realizar o meu trabalho de conclusão de curso. Esse formulário criado para fazer um levantamento de dados de mães universitárias em tempos de Pandemia que é o tema do meu projeto de conclusão de curso "Mães universitárias em tempos de Pandemia". Busco compreender as demandas de mães universitárias ainda mais agora em tempos de pandemia, entender suas redes de apoio e como tem sido esse processo enquanto mães e estudantes em relação ao meio acadêmico.

\*Lembretes importantes: 1. Você é livre para responder apenas as perguntas que não lhe causem qualquer tipo de constrangimento. 2. Nas publicações científicas decorrentes desta pesquisa, os nomes reais serão substituídos por nomes fictícios.\*

Fale um pouco sobre você.

Texto de resposta longa

Nome Completo

Texto de resposta curta

---



Como você se define em termos de gênero, raça, inserção socioeconômica e profissão?

Texto de resposta longa

---

Qual a data e o local do seu nascimento?

Texto de resposta longa

---

Você tem filhos? Quantos?

Texto de resposta longa

---

Como foi o seu parto?

Texto de resposta longa

---



Você trabalha? Se sim, com o quê?

Texto de resposta curta

---

A relação da maternidade e universidade

Descrição (opcional)

Quando você ingressou na universidade?

Texto de resposta longa

---

Teve algum filho enquanto estava em formação na universidade?

Texto de resposta longa

---

Como foi sua formação? Que aspectos dos cursos e/ou experiências sejam elas positivas ou negativas em relação à maternidade e o puerpério você teve durante a sua formação?

Texto de resposta longa

---

Você já precisou levar seu filho(a) para as aulas? Se sentiu em um ambiente acolhedor?

Texto de resposta longa

---

O seu curso se mostrou acolhedor com mães ao apresentar um plano de retorno às aulas remotamente?

Quais foram os maiores desafios que você já enfrentou como mãe em um ambiente universitário?

Texto de resposta longa

---

Puerpério e pandemia

Descrição (opcional)

Se tivesse que definir puerpério em única palavra, qual seria?

Texto de resposta longa

---

Como você se sentiu nesse tempo de isolamento social?

Texto de resposta longa

---

Você possui uma rede de apoio? (Se você se sentir à vontade, fale um pouco mais sobre a sua rede de apoio)

Texto de resposta longa

---



As suas demandas aumentaram após o início do isolamento social?

Texto de resposta longa

---

Como foi para você parir em um contexto de pandemia?

Texto de resposta longa

---

Como está sendo/foi o seu puerpério em tempos de isolamento social?

Texto de resposta longa

Como está o seu bem estar físico e emocional?

Texto de resposta longa

---

Você continuou trabalhando presencialmente ou remotamente durante a quarentena?

Texto de resposta longa

---



Sobre sua participação nesta pesquisa

Descrição (opcional)

Você gostaria de dizer alguma coisa sobre esta pesquisa?

Texto de resposta longa

---



## BIBLIOGRAFIA

ANTLOGA, C.S.X. *A mãe guerreira*. Opinião, Notícias UnB, Brasília. 2021.

ARRAIS, Alessandra; ARAÚJO, Tereza. *Fatores de Risco e Proteção Associados à Depressão: Pós-Parto no Pré-Natal Psicológico*. São Paulo. 2018.

ASSUMPTÃO, A. S. B. M. *A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade*. Cadernos do GEA, FLACSO, n. 6, jul-dez. 2014.

BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades: Limites da Democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, pp. 63-165. 2018.

CABRAL, Juliana Kitayama. *Os não ditos do puerpério. Dialogando com profissionais que atendem puérperas*. Brasília. 2020.

CARNEIRO, R.G. Gestar e parir em tempos de COVID-19: uma tragédia anunciada? *Boletim Cientistas Sociais*, Anpocs N.29 p.1-3. 2020.

ECHAZÚ B, A. G et al. Abordaje crítico de los resultados del Proyecto de Investigación “Maternajes desde una perspectiva interseccional”. VI Congreso Internacional ALA, 2020.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. 1ª Edição, São Paulo Brasil. Editora Elefante. 2017.

\_\_\_\_\_. *O Ponto Zero da Revolução*. 1ª Edição, São Paulo, Brasil. Editora Elefante. 2019.

FRASER, N.; SOUSA FILHO, J. I. R. DE. *Contradições entre capital e cuidado*. Princípios: Revista Filosofia (UFRN), v. 27, n. 53, pp. 261-288, 2 jul.2020.

GUIMARÃES, S.; ALMEIDA, D.V.; CARNEIRO, R. *O aborto e uma história de vida: cuidar de si, filhos e parceiros em circulação*. Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latinoamericana, n. 28, pp. 136-158, 2018.

MALUF, Sônia. Gênero, saúde e aflição: Políticas públicas, ativismo e experiências sociais. In: \_\_\_\_\_ & TORNQUIST, C. S. (orgs.) *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis, Santa Catarina: Letras Contemporâneas, pp. 21-67. 2010.

MARTIN, Emily. *A Mulher no Corpo. Uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

MATTAR, L.D.; DINIZ, C. F.G. Hierarquias Reprodutivas: Maternidade e Desigualdades no Exercício de Direitos Humanos Pelas Mulheres. *Interface, Comunicação, Saúde e Educação*, pp. 107-119. 2012.

SANTANA, Naiara Maria. Medo do desconhecido – Atenção às gestantes, parturientes e puérperas no contexto da COVID-19. *Boletim Cientistas Sociais*, Anpocs N.29, pp. 4-8, 2020.

SCAVONE, Lucila. A Maternidade e o Feminismo: Diálogo com as Ciências Sociais. *Cadernos Pagu*, Araraquara, pp. 137-150. 2001.

SILVA, Heloísa Cardoso; DONELLI, Tagma M. S. *Depressão e Maternidade à Luz da Psicanálise: Uma Revisão Sistemática da Literatura*. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro. 2016.

SILVA, M.C.R.F; GUEDES, C. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. *Rev. Katálysis* vol.23 no.3 Florianópolis set-dec. 2020 Epub Oct 16, 2020.

SILVA, Marta Pereira Militão. 2016. *Significados da Maternidade: Um olhar antropológico sobre a experiência pós-parto*. Dissertação de Mestrado, Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo.

STEVENS, Cristina. *Maternidade e Feminismo: Diálogos na literatura contemporânea*. In: \_\_\_\_\_. (org). *Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

TALLULAH. Direção de Sian Heder. Estados Unidos, 2016. (111 minutos).

TEMPESTA, Giovana. “Como apoiar o início da vida em tempos de morte? Pensando sobre o ofício das doulas durante a pandemia. *Boletim Cientistas Sociais*, N.49. Anpocs, pp. 3-6. 2020.

\_\_\_\_\_; CABRAL, Juliana K. “Tully”, de Jason Reitman. (1h36, 2018). *Anuário Antropológico*, pp.355-360. 2019.

TULLY. Direção de Jason Reitman. Estados Unidos: Diamond Films, 2018. (96 minutos).

TORNQUIST, Carmen Susana. *Armadilhas da Nova Era: Natureza e Maternidade no Ideário da Humanização do Parto*. Rev. Estud. Fem. [online]. 2002

VIEIRA, E. M. *A medicalização do corpo feminino*. 2ª reimpressão, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

XIMENES, Ana Gomes de Oliveira; FREITAS, Sávio Roberto Fonseca. A Maternidade Política em Hibisco Roxo, de Chimamanda Adichie. *Revista Ártemis*, vol. XXXI nº 1; jan-jun, 2021. pp. 93-112.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto S. *Saúde Mental e Gênero: Facetas Gendradas do Sofrimento Psíquico*. Revista da Psicologia, pp.238-246. 2015.